



Biografia e heroificação na Guerra do Paraguai

o papel do semanário A Sentinela do Sul

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

47



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**Biografia e heroificação
na Guerra do Paraguai:
o papel do semanário
*A Sentinela do Sul***



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Biografia e heroificação na Guerra do Paraguai: o papel do semanário *A Sentinela do Sul*



UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2022

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Mauro Nicola Póvoas
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo
Tesoureiro: Valdir Barroco

Ficha Técnica

- Título: Biografia e heroificação na Guerra do Paraguai: o papel do semanário *A Sentinela do Sul*
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 47
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2022

ISBN – 978-65-89557-45-6

CAPA: *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 25 ago. 1867, p. 5.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e noventa livros.

SUMÁRIO

A Sentinela do Sul e o biográfico como mote
editorial.....11

Biografia e heroificação nas páginas de *A Sentinela
do Sul*.....21

***A Sentinela do Sul* e o biográfico como mote editorial**

A pioneira publicação periódica sul-riograndense voltada a um norte editorial ilustrado e humorístico foi *A Sentinela do Sul*, editada na capital da província, Porto Alegre, começando a circular em julho de 1867. Apesar do veio satírico-humorístico, o semanário manteve uma construção discursiva e iconográfica razoavelmente moderada, ainda mais se comparado com outros do mesmo gênero que circularam no Rio Grande do Sul do século XIX, com posturas bem mais ácidas, mordazes e incisivas. Suas oito páginas, tradicionalmente divididas em metade com texto e a outra metade com gravuras, eram impressas com significativo padrão de qualidade gráfica. Apesar de certo sucesso em vendas, a folha já encontrava dificuldades para manter-se, em agosto de 1868, e deixaria de ser publicada em janeiro de 1869¹.

No surgimento de *A Sentinela do Sul*, a redação definia o escopo editorial da publicação que seria voltado “a sustentar a luta com o indiferentismo do público e com a falta de assinaturas”, visando a abranger, “tanto quanto for possível, as ocorrências da semana”. O editorial declarava ainda que “a crítica é naturalmente o elemento principal da publicação”, advertindo, entretanto, que a mesma seria “manejada

¹ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-27.

com discernimento”, sem passar “das raias da justiça e da honestidade”, ou seja, “quando a *Sentinela* ferir, será com razão e nos limites da decência”².

A caricatura era considerada imprescindível e definida como “o sal ático” do jornal, “que em tom jocosério dirá muitas verdades”, permanecendo “fiel ao antigo princípio – *ridendo castigare mores*”, de modo que “se esforçará com desenhos e palavras para castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania no seu amor próprio”. A redação do hebdomadário declarava ter a “convicção íntima de que o favor público constantemente nos acompanhará na senda que vamos percorrer”, uma vez que o periódico teria “por norte, a razão, a justiça e o patriotismo”. Ciente de seu caráter precursor, *A Sentinela* se autodenominava como “a primeira folha ilustrada que sai à luz na província do Rio Grande”, acreditando que não lhe viria a faltar “a proteção do público”³. Mais tarde, os responsáveis pela edição do semanário reforçariam tal aspecto, demarcando que estariam prontos para “superar as dificuldades, a fim de melhorar a folha”, vindo a proporcionar ao Rio Grande do Sul “um jornal ilustrado digno do grau de adiantamento e civilização a que há atingido a mesma província”⁴.

A época em que circulou *A Sentinela do Sul* correspondeu a alguns dos decisivos momentos da Guerra da Tríplice Aliança, o mais grave conflito bélico no qual se envolveu o Império brasileiro. Desse modo, a Guerra do Paraguai tornou-se verdadeira pauta editorial

² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867.

³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867.

⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 dez. 1867.

do periódico, tendo uma presença constante em praticamente todos os números da folha ilustrada. Nesse sentido, o enfrentamento dos aliados, Brasil, Argentina e Uruguai, contra o Paraguai foi traduzido nas páginas do periódico em suas mais variadas seções, sendo publicadas matérias informativas, comentários, opiniões, críticas, caricaturas, alegorias, cenas de batalhas, mapas, plantas, retratos, entre outros recursos. A ideia fundamental era trazer todo o tipo de notícia sobre o teatro de operações bélicas, uma vez que havia um público ávido por informes, ainda mais no caso do Rio Grande do Sul, que sofrera diretamente com as mazelas da guerra, tendo o seu território invadido, e que possuía um significativo contingente de seus habitantes envolvidos na campanha do Paraguai.

Dentre as várias formas de inserção e estratégias editoriais empregadas pela publicação rio-grandense para, figurativamente, trazer os acontecimentos da Guerra do Paraguai para mais próximo de seus leitores, esteve o emprego da divulgação de retratos e dados biográficos dos militares envolvidos no conflito. Desde a sua primeira edição, a folha já deixava evidenciada essa intenção, ao afirmar que “as honras, as glórias, as alegrias da pátria acharão eco fiel na *Sentinela do Sul*”, a qual viria a esforçar-se “para dar aos seus leitores não só os retratos e biografias dos pró-homens da época e da situação guerreira, mas também vistas do teatro da guerra”⁵.

Ainda a respeito dessa preferência pelas homenagens aos “vultos” e seus “feitos” no seio da guerra, o hebdomadário fazia constante referências ao

⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867.

objetivo de aprimorar esse tipo de matéria, como ao informar que, “na deficiência em que estamos de dados biográficos, publicamos os retratos”, mas, no caso de “algum amigo ou admirador quiser nos honrar com a remessa de biografias”, as mesmas seriam publicadas “com o maior prazer nos próximos números”⁶. No mesmo sentido, em nota que se repetiria por diversas edições, a redação pedia “a todas as pessoas que possuírem retratos de oficiais e praças, que se tem distinguido na atual Guerra contra o Paraguai, a confiar-lhe” os mesmos, “por algum tempo, acompanhando-os das respectivas notas biográficas, a fim de poder estampar, tanto os retratos como as biografias, em suas colunas”. Fazia ainda “igual pedido às famílias de oficiais que morreram no teatro da guerra”⁷.

Ainda a esse respeito, a folha apresentava artigo em que definia como “grave a missão do biógrafo” e “melindrosa sobremodo a sua tarefa”. Nessa linha, considerava que não seria fácil “escrever a história dos nossos guerreiros ilustres”, pois “a mão frágil e inexperta do artista estragará a tela aonde se debuxa cenas da pátria”, bem como “o rude e indisciplinado escultor” viria a quebrar “o cinzel que tentasse talhar os bustos importantes e grandiosos de sua terra”. Ainda a esse respeito, o periódico apontava os riscos de tatear “o terreno histórico para traçarmos as feições características de um desses vultos importantes da gigantesca Guerra do Paraguai”. Mas conjecturava que seria fundamental fazê-lo, pois “é este um dever tanto mais imperioso

⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 dez. 1867.

⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 16 fev. 1868.

quando é desgraçadamente entre nós raro aparecer quem da pátria se ocupe”⁸.

De acordo com o semanário, havia “uma política abastardada e vilã que em nossa terra tudo conspurca e envilece”, pois não seriam “muitos os peitos em que pulsa veemente e enérgico o amor santo e arrebatado da pátria”. Diante disso, o periódico declarava que iam “fugindo para bem longe de nós os restos dessa raça homérica de patriotas, que mostravam com as flores do seu civismo e virtudes as coroas de glória do Cruzeiro”, permanecendo “triste e desoladora a fisionomia da nacionalidade brasileira” e torando-se “merencória e assustadora a face enuviada do nosso porvir”. Defendia que “era tempo de desatarmos a máscara do indiferentismo com que atavíamos o rosto para ocultarmos as sangrentas feridas da mãe comum”, ou seja, “a pátria, esse belo e agigantado Brasil, que aí jaz como testemunho soberbo da munificência divina”, e ainda “do nosso irreverente desprezo pelos bens que doou-nos o criador”⁹.

Na mesma perspectiva, o periódico considerava também que “era já tempo de acordar em nossos peitos o dever de cidadãos livres que nos fizemos”, de modo que os “homens de honra” não desmentissem “o pensamento de Deus e as esperanças do mundo”. A folha sustentava que, “nos campos inóspitos do Paraguai, assiste o universo aos mais sublimes e grandiosos exemplos de patriotismo, valor e dedicação”. A publicação demarcava a presença de uma “plêiade ilustre de guerreiros que tem enobrecido e glorificado o

⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 24 maio 1868.

⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 24 maio 1868.

Brasil, sempre com a mesma coragem e firmeza”, agindo em “meio de todos os horrores de uma guerra imensa, pela sua duração e desastres, em que a peste e as balas do inimigo sempre acompanham”, formando um quadro que, “com indivisível denodo, rasga esse quadro de indiferentismo e egoísmo mercantil que arrastou a pátria à beira do abismo”¹⁰.

As biografias apresentadas por *A Sentinela do Sul* traziam em si um caráter profundamente laudatório em relação aos biografados, ao assumir o papel de verdadeira homenagem em relação a gestos considerados como de abnegação, bravura e, mormente, patriotismo, os quais eram atribuídos aos militares colocados em evidência. Nesse sentido, o olhar biográfico traduzido nas páginas do semanário tinha um fulcro profundamente vinculado à busca pela afirmação da nacionalidade, espírito bastante em voga na época, ainda mais no caso do Brasil, envolvido em uma guerra contra um inimigo estrangeiro, a qual já passava a contar com certa antipatia em meio à opinião pública, tendo em vista o seu prolongamento cronológico e as grandes perdas materiais e humanas que vinha provocando.

Essas panegíricas homenagens biográficas promovidas pela folha porto-alegrense eram ligadas à tentativa de verdadeira heroificação de alguns dos atores que se batiam no teatro da guerra, intentando transformá-los em determinados exemplos de comportamento moral e cívico, o qual deveria ser repetido e valorizado pelo conjunto da população, em prol da sustentação do denominado espírito de amor pátrio. Nessa época, as biografias tiveram importante

¹⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 24 maio 1868.

papel na construção da ideia de nação, imortalizando heróis, ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos feito de ancestrais fundadores, monumentos e lugares de memória¹¹. Tal enfoque estava voltado a uma antiga concentração plutarquizada, às tumbas, aos panteões e aos personagens principais¹².

Nesse sentido, o uso do biográfico voltava-se a satisfazer um desejo universal de manter vivas as memórias daqueles que teriam se distinguido da massa da humanidade¹³, ou ainda, a biografia trazia em si a intenção de querer fazer do personagem uma revelação da essência da humanidade¹⁴, com ênfase aos acontecimentos políticos, militares e da corte¹⁵. Com base em tal perspectiva, o homem ocupava uma posição ético-moral, voltada à realização de uma ideia, diante da qual aparecia como o portador, com

¹¹ PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. In: *Topoi – Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 8.

¹² MADELENAT, Daniel. La biographie aujourd'hui : frontières et resistances. In: *Cahiers de l'Association internationale des études francaises*. Paris, v. 52, n. 1, 2000, p. 158.

¹³ LEE, Sidney. *Principles of biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1911. p. 7.

¹⁴ BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 226.

¹⁵ LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 220.

vínculos à definição do patrimônio e da memória nacionais¹⁶.

Dessa forma, o emprego do biográfico trazia consigo o envolvimento de personalidades consideradas heroicas, cada uma com sua função, de modo que o herói seria aquele capaz de forçar o destino¹⁷. Assim, as vivências humanas passavam a ser orientadas sob o peso das grandes decisões dos heróis e das vidas dos grandes personagens na definição dos destinos¹⁸, inclusive os da nação. Nas páginas do periódico porto-alegrense aparecia uma biografia pública, exemplar, moral¹⁹, ressaltando as vidas dos grandes homens ilustres, compostos como espelhos de heroicidade e exemplaridade moral²⁰. Ficava então estabelecido um discurso de celebração, o qual desempenha um papel

¹⁶ MUSIEDLAK, Didier. Biografia e história. Reflexões metodológicas. In: *Esboços – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis: UFSC, v. 13, n. 15, 2006, p. 104.

¹⁷ MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. In: *Cadernos CEDEM*. São Paulo: UNESP, v. 1. n. 1, 2008, p. 17.

¹⁸ ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografia como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 11.

¹⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 169.

²⁰ OLIVEIRA, Maria da Glória. Para além de uma ilusão: indivíduo, tempo e narrativa biográfica. In: AVELAR, Alexandre de Sá & SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 59.

determinante, ao construir um personagem memorável²¹. As figuras heroicas ganham terreno em tal percurso biográfico, vinculadas à transmissão do patrimônio nacional e à vontade de afirmação da consciência nacional²². Nessa linha, *A Sentinela do Sul* associou biografia e heroicidade na construção de uma de suas mais recorrentes identidades editoriais plasmada a partir de manifestações textuais e iconográficas.

²¹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 290.

²² DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 179.

Biografia e heroificação nas páginas de *A Sentinela do Sul*

Como publicação ilustrada, *A Sentinela do Sul* dedicou amplo espaço para a divulgação de dados biográficos a respeito de personalidades com atuações marcantes no contexto nacional e, principalmente provincial, de então. Políticos, administradores, artistas, intelectuais, clérigos, entre tantas outras profissões ocuparam lugares de destaque nas páginas do periódico, por meio da exibição de seus retratos e de textos de natureza encomiástica. Em meio a essa prática, os personagens mais presentes foram os militares, mormente aqueles com atuação direta nos campos de batalha paraguaios, aos quais eram atribuídos os mais variados epítetos e qualificativos, cujo fulcro essencial era categorizar seus atos como heroicos. A ideia central nesses traços de cunho biográfico era transformar tais ações de suposta heroicidade em verdadeiras lições de amor pátrio, que deveriam orientar o conjunto dos brasileiros, levando em conta elementos constitutivos calcados no nacionalismo.



Na homenagem ao general Osório²³, o semanário aproveitava para ressaltar aquilo que considerava como sacrifícios sul-rio-grandenses no esforço de guerra, lembrando os “generais provectoros, filhos da província, que os melhores louros colheram nos combates do Paraguai”, de modo que “sua glória é a da província, seus louros nossos são”. Nessa linha, declarava que, “por entre os nomes de tantos heróis um há sobre todos

²³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867.

que de orgulho faz palpitar os peitos rio-grandenses”, referindo-se ao “de Manoel Luiz Osório, do herói do Passo da Pátria, do vencedor de Itapiru, de Esteiro Bellaco e de Tuiuti”. O personagem era denominado de “gênio tutelar do exército brasileiro”, o qual, “das cercanias de Montevidéu, conduziu os nossos bravos ao coração do Paraguai e aí conquistou as posições, que ainda hoje ocupam as forças aliadas”. Osório era considerado como uma “figura titânica, digna de ser cantada por Homero”, como “o primeiro vulto” em destaque “nesse quadro de luto e glórias que representa a cruzada civilizadora do Brasil contra o déspota da república guaraníca”. O militar era ainda qualificado como “ídolo dos rio-grandenses, que nele contemplam um dos filhos mais ilustres do seu torrão natal”, partilhando “das glórias que sua valente espada soube conquistar para a pátria comum”.

O general Osório era também apontado como “digno êmulo” de diversos “heróis” do passado gaúcho, sendo também alocado na condição de “primeiro entre os soldados brasileiros”, bem como “a primeira glória de sua província natal” e “o filho mais querido dessa terra de heróis, tão exímia nas lides guerreiras em prol da honra da nação”, quanto “grandiosa na abnegação e nobremente resignada aos mais pesados sacrifícios”. De acordo com o periódico, o militar rio-grandense-do-sul acabara “de gravar o seu nome nos anais da história universal, ligando-o por indeléveis laços aos sucessos dessa sangrenta Guerra do Paraguai”, a qual seria contemplada pelo “mundo com espanto e admiração, porque não é uma luta só com o inimigo, se não também com os elementos, com as cruezas do clima, com a falta de recursos” e “com a voragem das epidemias”. Diante

de tal quadro, Osório era encarado como “a honra, a glória, o orgulho desse nobre torrão, que ilustrou as páginas da história-pátria com feitos heroicos”. Explicando um dos elementos constitutivos de sua linha editorial, *A Sentinela do Sul* dizia que aquela homenagem abria “a série de retratos com que na continuação desta folha presentaremos os nossos leitores, com o busto heroico do vencedor de Tuiuti”. Com tal ação, o semanário declarava que não estava fazendo “mais do que prestar uma justa homenagem ao ilustre general rio-grandense, que, obedecendo a voz do patriotismo e do dever”, retornara “ao teatro de suas glórias, para levar ao fim a tarefa que se impôs”, ou seja, a “de desafrontar a honra nacional, desfraldando o estandarte brasileiro sobre as ruínas de Assunção”.



Outro protagonista rio-grandense na Guerra da Tríplice Aliança exaltado pelo semanário foi o então Visconde de Porto Alegre²⁴. Para tanto, o periódico retornava aos tempos da antiguidade clássica, durante os quais romanos e gregos “erguiam estátuas a seus heróis e, no mármore e bronze, gravavam o culto dos grandes homens”, ressaltando que os europeus do século XIX não haviam abandonado tal tradição. Diante

²⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 21 jul. 1867.

disso, declarava que *A Sentinela do Sul*, “mais modesta em sua admiração, apenas pode apresentar aos seus leitores o busto de um dos mais ilustres filhos do varonil e patriótico Rio Grande”, referindo-se ao personagem em questão, que seria “digno de respeito e veneração”, ou seja, “o vencedor de Curuzu”, que, como “tipo do civismo e do patriotismo”, apesar de “oficial reformado, nos dias de angústia para a província, só escutou a voz do dever e o seu coração”.

Segundo a folha ilustrada gaúcha, “desde a rendição de Uruguaiana até hoje”, a vida do homenageado era contada “por dias de serviços à causa da pátria e pelo mais esplêndido triunfo obtido pelos aliados no Paraguai”. O Visconde era apontado como “soldado dos combates de Índia Morta e Passo do Rosário” e “notável pelos mais relevantes serviços à causa da legalidade e comandante da divisão brasileira na batalha de Moron”, constituindo-se, portanto, em “uma glória nacional” e “o orgulho da província”. O periódico ressaltava ainda que tal militar deixara de estar “à testa de um grande partido político” para tornar-se “apenas um soldado, que se bate pela honra do Império”. Mantendo o tom panegírico, o semanário dizia que a figura de Porto Alegre “não empalidece ante Caxias, Osório, Polidoro e Argolo, quando a imprensa do Prata denomina de cavalheiresco, de paladino, o intrépido vencedor de Curuzu”. Em conclusão, *A Sentinela* afirmava que “o Rio Grande pode e deve ufanar-se desse filho, porque o seu nome simboliza, exprime todo o valor, patriotismo e abnegação desta terra de valentes”.

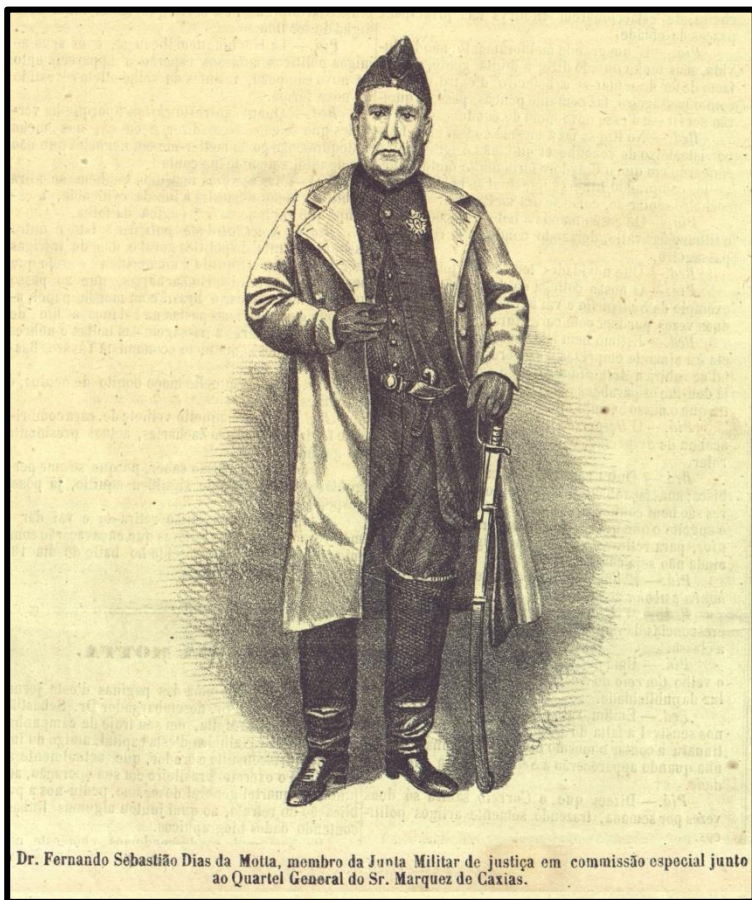


Ao anunciar que todos esperavam “ansiosos a chegada de notícias do teatro da guerra”, uma vez que “o exército aliado está em vésperas de avançar contra os últimos redutos do déspota paraguaio”, a publicação ilustrada porto-alegrense prestava seu preito a Caxias²⁵. Nessa linha, propunha-se a “oferecer, no momento em que a vitória talvez seja nossa, aos nossos leitores, o busto do veterano Marquês de Caxias” comandante do “exército aliado nesta última e importantíssima jornada”. O personagem era qualificado como “o primeiro soldado do Brasil”, de modo que “nele se acham personificadas as tradições de heroísmo e glória do exército brasileiro nos longos anos decorridos desde a nossa emancipação política”, já que, “soldado da

²⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 4 ago. 1867.

independência, Caxias partilhou de todas as guerras e de todas as glórias brasileiras”. Eram rememorados diversos momentos da vida militar do homenageado, tanto ao debelar as revoltas internas, em nome da legalidade, quanto nas guerras externas promovidas a partir das questões platinas, até chegar aos “campos sangrentos do Paraguai” para “reivindicar a honra da nação, ultrajada por Lopes e seus asseclas”.

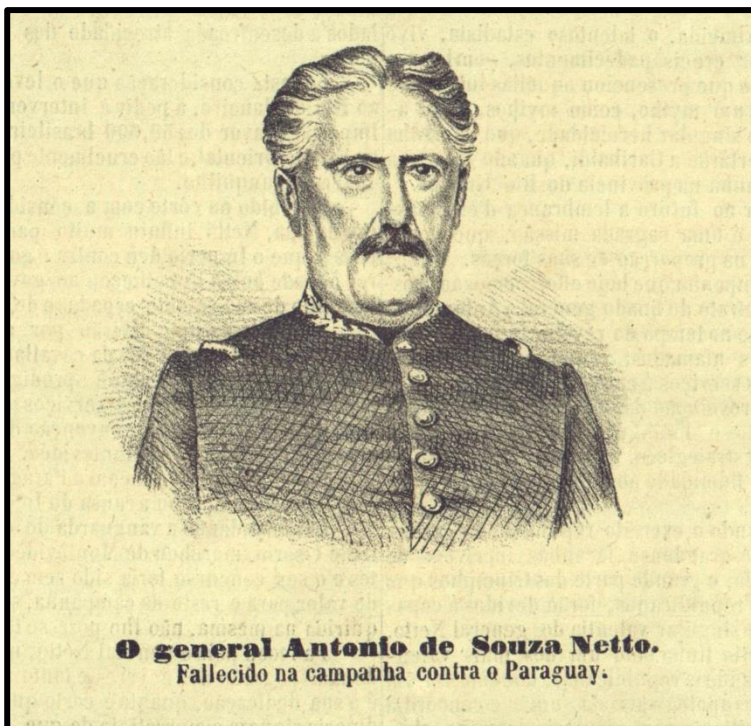
O periódico recordava que Caxias tivera de afastar-se do conflito bélico por motivo de doença, mas que, em um momento decisivo, o Imperador chamara de volta o “mais glorioso veterano do exército brasileiro”, o “herói de Santa Luzia” e o “mais antigo e mais experimentado cabo de guerra da terra de Santa Cruz”. Segundo o hebdomadário, “septuagenário, cansado das lides de sua afanosa vida, e ocupando uma posição sem igual no Brasil”, por ter atingido “todas as honras e dignidades que existem criadas em lei”, mas, mesmo assim, “Caxias não trepidou em arriscar vida e saúde, em abandonar todos os interesses e cômodos, para cumprir a honrosa missão” que lhe fora confiada. A folha dizia que não fora “a ambição que o levou ao teatro da guerra, porque já não pode subir mais alto”, mas sim “o patriotismo, o amor ao Brasil e à sua dinastia” e “quicá a consciência de que o seu concurso é necessário para por fim a essa sangrenta luta” que acabaram por levá-lo “ao campo de batalha em uma idade em que todos anelam o descanso”. Nesse sentido, explicitava que Caxias viria a “ligar o seu nome imortal aos grandes feitos que devem levar a guerra à conclusão”, para concluir com o apelo de honrar o “primeiro soldado brasileiro”, que viria a esmagar “o nosso bárbaro inimigo em seus últimos redutos”.



Outro dos homenageados pela *Sentinela* não se tratava de um militar de carreira, mas que estava servindo ao Império no território paraguaio. Era Sebastião Fernando Dias da Mota²⁶, desembargador que

²⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 18 ago. 1867.

acompanhava o exército brasileiro, servindo no seu quartel-general e que, em sua função, atuaria como “o historiador dessa gloriosa jornada do Paraguai”, vindo a ocupar “um lugar eminente nos fastos do Brasil”. O personagem era descrito ainda como “um brasileiro distinto, por mais de um título”, além de “homem notável”, tendo feito “notável figura na Corte do Império, na imprensa, na banca de jurisconsulto e no parlamento”. Dias da Mota também foi apontado como “um distinto patriota” na carreira de “homem público”, tendo atuado no levantamento de “centenares de voluntários para combater pela honra de sua pátria”. A folha citava que “tais serviços eram por certo só por si suficientes para ligar à história desta luta gloriosa o nome do distinto patriota”, mas que Mota ainda aceitara servir nos “campos do Paraguai”, vindo a ocupar um “novo lugar de honra”. Na ilustração, o homenageado aparecia com “seu traje de campanha”, que utilizara em ato solene junto de um dos batalhões de voluntários, no qual fora orador, discursando com “prodigiosa eloquência, tratando das glórias da nossa pátria”, diante do que, “tal foi o efeito de suas palavras, que oficiais e soldados o levaram em triunfo por todo o acampamento”. Nessa oportunidade surgira o retrato em pauta, que serviria como “uma lembrança da festa patriótica e do brilhante papel que nele teve o orador fluminense, digno representante dos Demóstenes e Cíceros”.



Um dos mais ativos militares sul-rio-grandenses, o general Netto²⁷, foi também alvo das homenagens de *A Sentinela do Sul*. A publicação lembrava vários dos “vultos eminentes que ilustraram” a Revolução Farroupilha que haviam perecido, vindo a constituir “mitos” e autores de “feitos de singular heroicidade”, de maneira que “transmitir ao futuro a lembrança desse passado de glórias” tornava-se “uma sagrada missão que todos devem cumprir na proporção de suas forças”.

²⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 18 ago. 1867.

Diante disso, seria exatamente nesse “empenho” que a folha oferecia aos leitores “o retrato do finado general Antônio de Souza Netto, que no tempo da Revolução foi um dos seus chefes mais afamados”, vindo posteriormente a prestar “valiosos serviços à causa do Império”.

O semanário recordou alguns detalhes da carreira militar do homenageado, com ênfase à guerra civil de 1835-1845 e à participação brasileira em algumas das questões platinas. Apontava que Netto executara “prodígios de valor” e prestara “os mais relevantes serviços” à causa brasileira e, com a deflagração da Guerra do Paraguai, “não desamparou a causa do Império”, em um “concurso de grande valor”, interrompido apenas pela doença que lhe pôs termo à vida. Nessa linha, o periódico sustentava que Netto falecera “no cumprimento do mais sagrado dos deveres”, demonstrando “apreciável dedicação”, em um conjunto de atos “espontâneo e somente inspirado pelo amor à pátria”. Argumenta também que, “ainda depois de morto, o general se mostrou digno de seu renome, legando ao Estado uma muito considerável soma para aquisição de navios encouraçados”. Em conclusão, a *Sentinela* declarava ser “fora de dúvida que o general Netto legou o seu nome à história”, como “uma das glórias rio-grandenses”, tendo as conquistado nas “fileiras republicanas” e “na defesa do Império”. Desse modo, o personagem em questão era considerado como “um grande homem, que passa a pertencer à história, e cujo nome não deve ser esquecido pelas gerações vindouras”, ao folharem “os fastos dessa época de abnegação e lutas”, no qual se destacava aquela “heroica e varonil província” sulina.

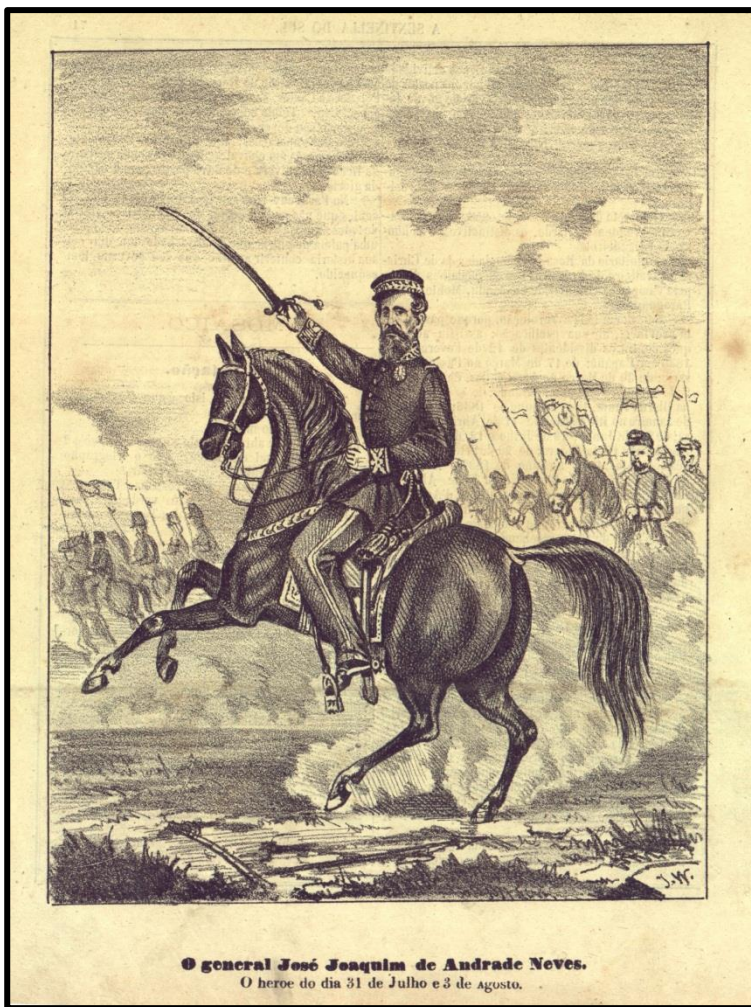


Um militar de baixa patente, Luiz Antônio de Vargas²⁸, também foi saudado por *A Sentinela do Sul*. O periódico descrevia que quem visitasse o arsenal de guerra em Porto Alegre veria “trabalhando na oficina de máquinas um moço pálido e de aspecto valetudinário”, um “modesto operário” que ali “exerce a profissão de maquinista e que ganha o seu pão no suor de seu rosto”, apesar de ser “cavaleiro da muito nobre Ordem do Cruzeiro e um dos heróis que mais se distinguiram nessa brilhante jornada do Paraguai”, a qual “mostrou ao mundo inteiro quanto podem o valor e a abnegação do

²⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867.

povo brasileiro”. A folha explicava que o personagem em questão fora o “furriel do 1º batalhão de voluntários que no ataque de São Borja salvou a bandeira do seu batalhão das mãos do inimigo, que dela já se havia apossado”, em um “feito glorioso que poupou ao Brasil um grande vexame”. De acordo com o periódico tal ato “ainda vive na lembrança de todos”, porém o “seu autor passa despercebido e procura no trabalho diário os meios de subsistência que a pátria” não dera “ao seu filho inválido, não obstante a heroica ação sua, que abrilhanta as páginas da nossa história guerreira”.

O semanário detalhava que Vargas era porto-alegrense, mas se encontrava trabalhando no Rio de Janeiro, “quando se organizou o 1º batalhão de voluntários da pátria” e, como “brasileiro amante do seu país, não hesitou um só momento” para alistar-se e partir para o sul. A publicação ilustrada destacava as ações militares no enfrentamento aos paraguaios em São Borja, ressaltando “o valor e o patriotismo dos brasileiros”, inferiorizados em número diante do inimigo, bem como descrevia minuciosamente a luta empreendida por Vargas, “salvando a bandeira e executando uma defesa brilhante” do pavilhão, atitude reproduzida na gravura estampada no jornal. A folha reiterava as precárias condições de existência do militar, de modo que, ao apresentar aquela matéria, tinha “em vista consignar esse feito heroico e perpetuar a memória do seu autor”, visando também a chamar “sobre ele a atenção do governo”, uma vez que não bastaria que este tivesse dado “mercês honoríficas”. Considerava assim que seria “também preciso dar aos agraciados os meios precisos para viverem de maneira que condiga com a posição social que lhes confere a condecoração”.



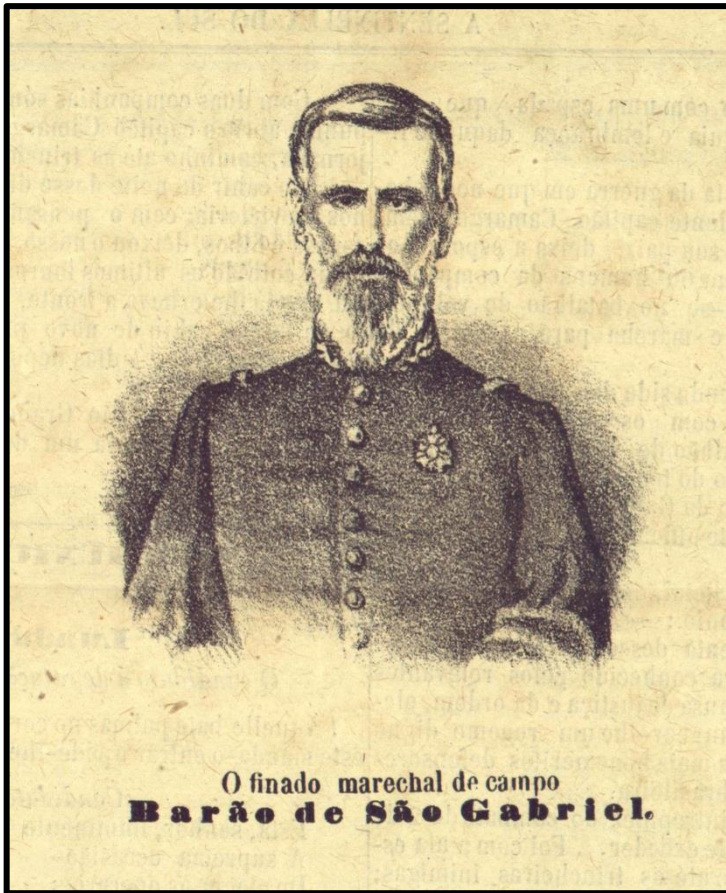
Também contou com homenagens de parte da publicação ilustrada sul-rio-grandense, o general

Andrade Neves²⁹. O periódico citava os “sucessos guerreiros” ocorridos nos “sangrentos campos do Paraguai”, dentre os quais “vem envolto o nome glorioso de um chefe rio-grandense, digno representante dessa geração de bravos, que pelejou todas as guerras do Império”, sustentando também “as lutas civis de passadas eras” e que já estavam “pertencendo à história”. Tratava então do “valente e destemido chefe da cavalaria rio-grandense, general José Joaquim de Andrade Neves”, de cujo “ímpeto ataque não puderam resistir as hostes do fero inimigo”. A ação de tal líder teria mostrado “à face do mundo quão irresistível é o choque desses lanceiros do Rio Grande, que Garibaldi denominou – verdadeiros centauros”. Com ufanismo, a folha declarava que seria naquele “momento em que o nome do valente rio-grandense, do destemido comandante da vanguarda volante do exército brasileiro” vivia “em todas as bocas e é aclamado por todos os patriotas brasileiros pelos seus últimos e brilhantes feitos”, que constituiria, “sem dúvida, a ocasião melhor cabida” para presentear “os leitores com o retrato desse glorioso guerreiro, que tanto honra a varonil província que lhe serviu de berço”.

Diante de tal proposta o hebdomadário apresentava “o mais ilustre dos chefes da cavalaria rio-grandense, o herói de dezenas de combates, o laureado de dezenas de episódios guerreiros” e “um dos mais antigos servidores do Estado”. A folha não deixava de manter sua postura no que tange às cobranças quanto aos homens públicos, pois, no caso de Andrade Neves, apesar de tratar-se de um “filho dileto do Rio Grande” e

²⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º set. 1867.

de um “valente general”, também sofria com o “indiferentismo do governo e de sua injustiça”, mas que, mesmo assim, partira para o Paraguai, de modo a “cumprir o seu dever de brasileiro e rio-grandense”. Nessa linha, a publicação considerava estar cumprindo “um dever sagrado, apresentando em relevo a figura heroica do general”, o qual “ao povo recorda uma glória pátria, ao governo, a sua ingratidão e injustiça” e afirmava que, ao concluir aquelas “poucas, mas sinceras palavras”, fazia “seguir alguns apontamentos biográficos acerca da vida pública desse benemérito filho da pátria”. Após dedicar algumas linhas para descrever aportes biográficos acerca do personagem em pauta, o semanário concluía dizendo que, “no Paraguai, seus serviços estão ainda tão recentes que não podem deixar de viver na memória de todos”, servindo como “uma palma de glória que a pátria há de um dia em sua história conferir ao filho, que seu governo tem esquecido”.



Morto ainda nos primeiros tempos da Guerra do Paraguai, o Barão de São Gabriel³⁰ foi outro dos militares gaúchos que contou com a saudação de *A Sentinela do Sul*. Perante tal figura, o jornal destacava que, “apresentando aos nossos leitores o busto do vencedor

³⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 set. 1867.

de Paissandu que, já moribundo, levou o exército brasileiro a Montevideú, que obrigou a capitular”, ressaltando sentir a falta de “dados minuciosos acerca de sua longa e gloriosa carreira, razão que obriga a dar aos leitores apenas a resumida biografia”, com que a folha fora obsequiada.

O periódico dizia ter a pretensão de “dedicar ao ilustre finado um longo artigo, digno de sua elevada posição e altas virtudes cívicas”, mas faltavam dados para apresentar devidamente aquele “filho e neto de heróis”, que, “por sua vez, foi herói, prestando o concurso de sua valente espada desde 1827 ao país que lhe dera o ser”, bem como havia espirado “no cumprimento dos seus deveres, cobrindo o seu ataúde os louros ainda verdejantes da campanha do Estado Oriental”, lugar “em que comandou o exército brasileiro, levando-o às portas de Montevideú”. Ao citar os dados biográficos do personagem, o semanário destacava que, “descendente de guerreiros, foi o marechal João Propício, tipo nobre do verdadeiro soldado”, com participação na Revolução Farroupilha e nas guerras contra os países platinos. Em conclusão, o Barão de São Gabriel foi apontado como “um cidadão prestante, um bom chefe de família” e “um militar honrado e valente”, constituindo um “grande do Império”.



A *Sentinel*a também publicou “em suas colunas o retrato do finado capitão Inácio Joaquim de Camargo”³¹, procurando prestar “à memória deste oficial a merecida homenagem de saudade e consideração pública, a que seus serviços, virtudes e bravuras lhe dão direito”. Nascido na cidade gaúcha de Bagé, o personagem em destaque teria, “desde a mais tenra idade, manifestado decidido amor e dedicação pela carreira das armas”, vindo a participar da campanha brasileira contra a

³¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 set. 1867.

Argentina de Rosas. O militar era descrito como portador de um “gênio intrépido e valoroso”, tendo levado uma vida comparada a “uma não interrompida série de rasgos de bravura e sangue frio praticados no desempenho das comissões que lhe eram confiadas”.

Iniciado o conflito bélico no Paraguai, segundo o jornal gaúcho, teria “o valente capitão, sempre pronto a servir o seu país”, marchado “para o teatro da guerra”, tendo sido então qualificado como “patriota entusiasmado”, com “relevantes serviços prestados à causa da justiça e da ordem”, elevando-se “ao ponto de granjear-lhe um renome digno de ser admirado pelos mais beneméritos defensores da honra da bandeira brasileira”. A narração biográfica demarcava ainda que o oficial, mesmo que doente, não deixara de estar “à frente de seus bravos soldados, que fazem prodígios de valor, comandados por esse herói, por esse mártir da pátria”, vindo a obter uma vitória, justificada pelo “santo amor da pátria”, que “em uma alma tão grande como aquela, opera milagres dessa ordem”. O hebdomadário destacava ainda que aquele “herói”, após colher “os últimos louros para a coroa de glória que já lhe ornava a fronte”, viria a perecer, diante do que “a província do Rio Grande perdeu nele um distinto filho e a pátria um dos seus mais bravos defensores”.

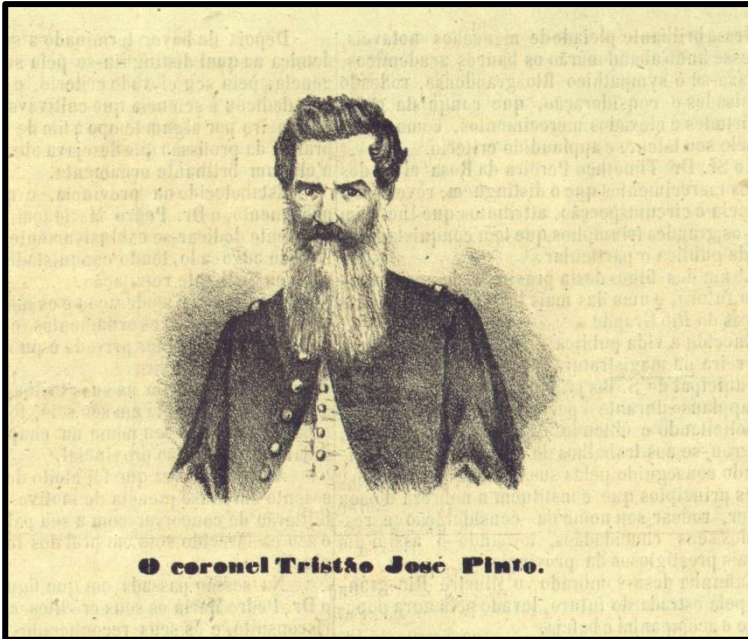


Dentre os personagens enfatizados pelo periódico ilustrado porto-alegrense esteve ainda o general David Canabarro³², anunciado como “mais um vulto legendário para a galeria dos rio-grandenses ilustres , e um lustro respeitável para o panteão das nossas glórias nacionais”. Canabarro era descrito também como “destemido e audaz soldado rio-grandense”, que participara da guerra civil de 1835-1845, de cujos acontecimentos, “o Rio Grande vê dia por dia, hora por hora, desaparecerem esses heróis do espírito e da ação,

³² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 set. 1867.

velhos e moços, dispersos ao vento da morte". A folha pretendia expressar "rápidos traços biográficos" sobre o militar, com a finalidade de pô-lo "em relevo com a grandeza do seu fim".

O periódico lembrava que Canabarro nascera "na pobreza" e elevara-se "pelas suas virtudes, força de vontade, energia e tenacidade ao grande teatro da vida pública". Dizia que, apesar de suas origens, o personagem não poderia deixar de ser apresentado "no prosclênio da história política e guerreira do seu país sem possuir os elevados dotes naturais com que apraz a natureza favorecer o seus escolhidos". Era ainda dado destaque à "dedicação" e aos "muitos rasgos de coragem e sangue frio" de Canabarro, que ficou "conhecido em todo o exército como o mais temível e formidável guerrilheiro". A folha descrevia a participação do militar nas questões platinas, além de na própria Revolução Farroupilha, destacando ainda o papel do mesmo na derrota paraguaia em território gaúcho, com a argumentação de que ele recebera "do presente a ingratidão e a injustiça", mas que legara o seu "nome" e os seus "serviços à história" do seu país.



A *Sentinel do Sul* destacava também “entre os bravos que no Paraguai pelejam pela causa da pátria ultrajada”, achava-se o rio-grandense coronel Tristão José Pinto³³, considerado como “tipo de honra, dignidade, patriotismo e abnegação”. Era citada a sua participação na Revolução Farroupilha e nas guerras platinas, vindo a ser nomeado para a guarda nacional, “nunca” tendo desmentido “o conceito que dele formou o governo”. Já durante o confronto com o Paraguai, teria assistido “à tomada da vila de Uruguaiana aonde fez uma brilhante figura”. O periódico enfatizava ainda que,

³³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 set. 1867.

na Guerra da Tríplice Aliança, tendo perdido um comando, “por equívoco ou por vontade de desprestigiá-lo”, tomara “a blusa e a espingarda de soldado”, assumindo “lugar na fileira de um dos corpos”, como um “exemplo nobre de verdadeiro patriotismo”, em “ato tão sublime e distinto, que arrancou lágrimas aos soldados”, os quais viam naquele “chefe, em um momento tão solene dar-lhes exemplo de subordinação e abnegação”. A folha destacava ainda que nos enfrentamentos bélicos do Paraguai, Tristão Pinto mostrara “valor e sangue frio tais, que é apontado no exército como tipo do soldado valente; e, por seu proceder, o de verdadeiro patriota”, de modo que ele “já pertence à história do Brasil, e que é uma das glórias do Rio Grande do Sul”.



O general Vitorino José Carneiro Monteiro³⁴ era apontado pela publicação porto-alegrense como “mais um dos heróis laureados da Guerra do Paraguai” e “mais um dos mais gloriosos veteranos do Império, cujo retrato” era oferecido “aos leitores”. A folha demarcava que esse militar ligara “o seu nome aos sucessos mais brilhantes dessa jornada heroica”, de modo que, “com o maior prazer”, em suas colunas consignava “a breve biografia” daquele “valente, que é uma das maiores glórias do exército brasileiro”. A pauta da matéria trazia o devir cronológico da ascensão hierárquica de Vitorino,

³⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 6 out. 1867.

com participação na guerra civil rio-grandense e nos confrontos concernentes às questões platinas, sendo dado amplo destaque ao fato do personagem ter recebido altas condecorações pelos serviços prestados, com a nomeação como dignitário, cavaleiro e o recebimento de medalhas. Houve minuciosa descrição de suas ações militares, mormente quanto à Guerra do Paraguai, na qual, ainda no início, dera “provas de seu patriotismo e do fervoroso zelo com que sempre se emprega no serviço público”. Também nesse conflito lutara em diversas frentes, fora ferido e atuara decisivamente dos atos “de fazer soldados de homens totalmente estranhos à vida militar”. O periódico destacava que o militar ainda se encontrava no *front*, apesar das “afrontosas injustiças com que o governo tem recompensado sua dedicação e verdadeiro patriotismo”.



Um militar cearense, o general Antônio de Sampaio³⁵ esteve dentre os homenageados por *A Sentinela do Sul*, com matéria que descia às minúcias quanto à sua progressão hierárquica e dava destaque às suas ações no meio castrense, com participações no debelar de diversas das revoltas provinciais e nas guerras platinas. A descrição detinha-se em suas ações no Paraguai, a partir das quais foi “louvado por não desmentir o conceito que gozava, guardando seu posto com severidade, ativando e dirigindo as forças de seu comando” nos momentos em “que as circunstâncias do terreno o permitiam, ou que se apresentava necessidade de reforços neste ou naquele ponto”. Segundo o jornal, já

³⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 nov. 1867.

ao final de sua jornada, o general foi “elogiado pelo valor com que se portou”, vindo a “receber três ferimentos, que o puseram fora de combate, e dos quais veio a falecer”. Ao final, o semanário fazia notar que “à circunspecção e gravidade conveniente, o brigadeiro Sampaio reunia muita modéstia e probidade”.

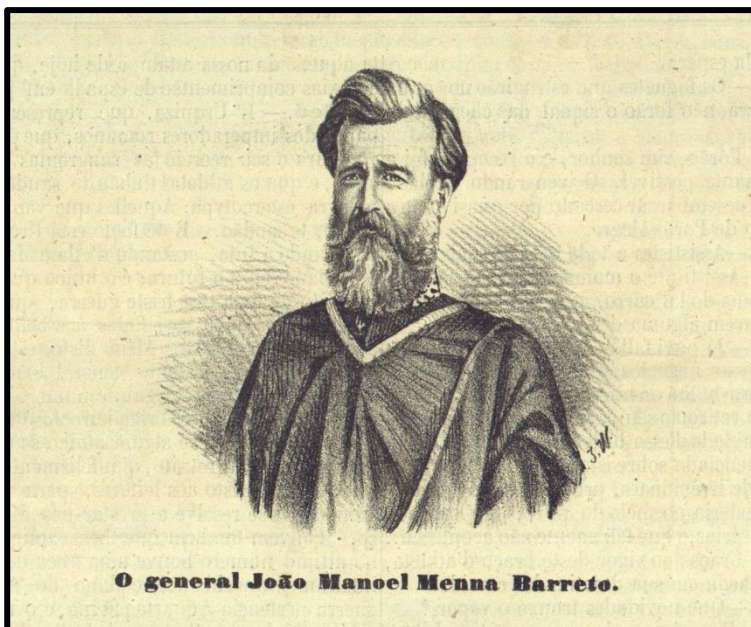


Um militar catarinense morto no teatro de operações do país guarani, o major Francisco Cardoso da Costa³⁶, também esteve na lista de destaques da folha ilustrada rio-grandense-do-sul. A opção editorial da publicação era mais uma vez a de trazer uma detalhada

³⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 24 nov. 1867.

descrição da progressão do personagem no seio castrense. Ele iniciara sua carreira, combatendo pela causa legalista, já ao final da Revolução Farroupilha, tendo pertencido a um batalhão reconhecido pelo “alto renome” e “pela disciplina e bravura, nobilitação devida à plêiade de oficiais distintos” que estiveram à sua frente, dentre eles o próprio Costa, que “partilhava essas glórias e era tido entre seus companheiros de armas como tipo do verdadeiro soldado”.

A narração do periódico destacava que Costa participara ainda das guerras empreendidas contra os vizinhos do Prata, além de atuar na organização de guarnições militares em território nacional, época em que teria merecido “de todos os comandantes”, que sob as ordens servira, “as maiores provas de apreço e consideração, pela sua perícia militar, dedicação ao serviço e lealdade de seu caráter”. Francisco Costa era descrito como “severo na disciplina, lhano com seus comandados, sem conhecer o servilismo” e “alheio aos interesses estranhos”, de modo que “soube com tais sentimentos conquistar um nome e adquirir simpatias gerais, que só são concedidas aos que possuem virtudes”. O jornal destacava que o militar voluntariara-se para enfrentar “o déspota e bárbaro Paraguai”, atuando como um “mártir de dedicação pela causa da pátria” e “com rara abnegação e sacrifícios de saúde e de seus interesses”, vindo a adquirir grave enfermidade que o levou ao falecimento, sem deixar de ter praticado “mais de uma vez atos de bravura, pelo que mereceu os louvores de seus chefes”.



Ao se referir ao general João Manoel Menna Barreto³⁷, *A Sentinela* ressaltava que, no caso de escrever-se “a história militar da família Menna Barreto, ter-se-ia a história da província e largas páginas da história geral do Império”, uma vez que se tratava de “um nome que se liga a todas nossas glórias e fastos”. O personagem em pauta era definido como “militar dedicado, soldado fiel e rígido, inteligência esclarecida e estudiosa, tendo por norma o dever e por brasão a honra e a lealdade”, de modo que “a sua carreira foi rápida em subir postos, todos eles por merecimento”. A folha destacava a

³⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º dez. 1867.

participação do militar na campanha contra o Uruguai e na expulsão dos paraguaios do território gaúcho, ação considerada como “seu mais belo brasão”, pois, “acima da coragem, do valor brilha a humanidade e o patriotismo do soldado que salvou a honra e a vida de uma povoação, com risco próprio”.

Além de detalhada descrição dos atos de Menna Barreto em São Borja, o semanário destacava vários de seus passos no enfrentamento bélico em terras paraguaias. Ao final da matéria, a publicação dizia que aqueles “traços são bastante para a atualidade”, ao demonstrarem que “o Rio Grande do Sul saí desta luta rejuvenescido em glórias e enriquecido em fastos”, já que “as lanças rio-grandenses apontam ao Império o caminho da vitória” e “as nossas espadas vingam os ultrajes de 1865”, com a invasão das fronteiras sulinas. De acordo com o jornal, “a história forma uma formosa galeria de lidadores” e, “entre os primeiros, entre aqueles que restituem o brilho esplendente à estrela do sul, ameaçada de sepultar-se nas trevas do egoísmo, figurará o nome” de Menna Barreto. A folha alinhavava que não era apenas uma opinião da redação, mas sim, seria o fato de “seu nome pertencer à história de sua pátria”. Tal premissa seria confirmada a partir da “gratidão do povo de São Borja, salvo do furor inimigo”, da “palavra autorizada do velho Marquês de Caxias, que o proclama à história militar”, e da “opinião pública que o aplaude nos triunfos”, e ainda do “governo que o sancionou com seus atos de justiça”, diante do que uma “história mais larga” lhe deveria ser reservada no futuro.

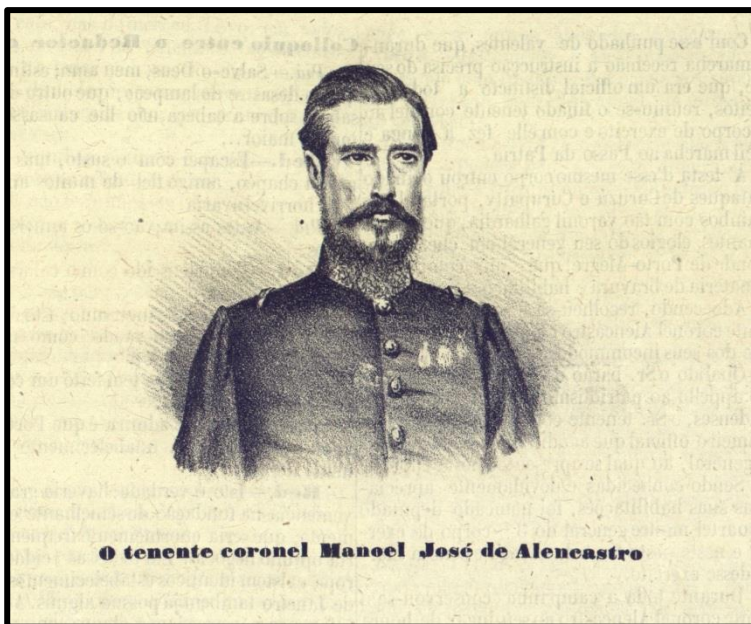


O ambiente no qual se travavam os confrontos bélicos era descrito pela folha como as “longínquas praias do Paraguai, onde as hostes brasileiras combatem pela honra da nação”, os “acampamentos onde trêmula ovante o estandarte auriverde sobre as bombardas opostas”, a “terra selvagem e estranha, onde já descansam tantos valentes lidadores que pela pátria morreram” e o lugar “onde se combate não só o inimigo, mas também as cruezas do clima, as privações e as epidemias”. E teria sido nesse contexto que falecera outro dos homenageados do hebdomadário, o coronel André Alves Leite de Oliveira Belo³⁸. A publicação

³⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 dez. 1867.

lamentava que tal militar não morrera “no ferver da refrega”, nem “à frente de sua divisão de valentes” e nem mesmo “de espada em punho e de bandeira alçada que sucumbiu o valente de centenas de combates”. E reforçava com a afirmação de que “o soldado intrépido de toda a campanha do Paraguai” não morrera “no campo de batalha como anela todo guerreiro”, e sim como “vítima do cruel flagelo asiático, que há meses dizima o nosso exército”.

Segundo o periódico seria “triste sorte, a do soldado que vai exalar o último suspiro nos tormentos da doença, em vez de receber a morte gloriosa pela metralha do inimigo”. Explicava, entretanto, que, apesar de “triste”, tal morte não fora “menos gloriosa”, pois, “no cumprimento do seu dever”, age “tão bem quem sucumbe à doença, como quem cai exangue no campo de refrega”, mas que, era “mais doce a morte do soldado ao ribombar do canhão, ao som dos guerreiros hinos, no entusiasmo da carga contra as posições inimigas, mesmo que sem deixar de ser “gloriosa” a “do valente” que adquirira “mortal moléstia”. Nesse sentido, o semanário defendia que “bem virentes, bem esplêndidos” deveriam ser “os louros que devem ornar a campa do valente coronel Belo, cujo busto” era estampado “no lugar de honra de nossa folha”, uma vez que ele fora “valente entre os valentes”, cumprindo “o seu dever de brasileiro e de soldado até o último momento”, apesar da “ingratidão do governo” e das “injustiças dolorosas que sofreu”. Em conclusão, o jornal dizia que, “grande na resignação e cumpridor fiel de seus deveres”, fora “o coronel Belo mais um mártir dessa jornada do Paraguai, que em glórias não pode dar, o que custa em lágrimas e sacrifícios”.



O hebdomadário ainda ressaltava “uma outra vítima ilustre”, que sucumbira “ao cólera”, nos campos paraguaios, referindo-se ao tenente-coronel Manoel José de Alencastro³⁹, cujo retrato estampado nas páginas do jornal servia para prestar “merecida homenagem à memória de um soldado valente, que sucumbiu no cumprimento de seu dever”. A folha descrevia a trajetória do militar nos conflitos em território paraguaio, nos quais atuara “com varonil galhardia”, obtendo “brilhantes elogios” de seu chefe, um “juiz competente em matéria de bravura e habilitações militares”.

³⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 dez. 1867.

Ainda no campo elogioso, a publicação enfatizava que Alencastro mantivera o “seu lugar de honra, prestando os melhores serviços com inteligência, dedicação e grande honradez”, em um quadro pelo qual “sua bravura, seu cavalheirismo, sua incansável atividade, tudo o tornava estimado dos seus superiores” e “querido dos seus camaradas e comandados”. De acordo com o periódico, fora no cumprimento de suas “honrosas ocupações” e prestando “os maiores serviços à pátria, que de improviso o foi colher a morte, sucumbindo aos insultos do cólera”, de forma que teria perdido “a pátria um dos seus mais beneméritos servidores”, lamentando “o exército mais uma vítima ilustre”. O fechamento do texto se dava a partir do desejo de que “a terra estranha que cobre os restos mortais do valente soldado lhe seja leve”, servindo “de consolação” aos familiares “a ideia que o seu chefe morreu pela pátria, no cumprimento do mais sagrado de todos os deveres”.



A saudação prestada ao coronel José Antônio dias da Silva⁴⁰, foi realizada de forma diferenciada em relação ao padrão editorial de *A Sentinela do Sul*, havendo a transcrição da “resenha dos serviços prestados” pelo militar, “extraída de sua fé de ofício”, a qual foi publicada ao longo de duas edições do semanário. Além dos dados referentes ao nascimento, era apresentado um rol cronológico, entre 1837 e 1866, descrevendo cada passo da carreira do personagem em pauta, com ênfase aos “relevantes serviços prestados” na defesa das fronteiras da província do Mato Grosso. Apesar do formato diferente, não deixavam de aparecer elogios ao homenageado, por ter servido “com critério

⁴⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 dez. 1867; e 22 dez. 1867.

inteligência e zelo”, sendo também louvadas sua “dedicação e inteligência”.



Um oficial da armada, o vice-almirante Joaquim José Inácio⁴¹, foi outro dos alvos das homenagens da folha ilustrada porto-alegrense. Ele era apresentado como “o distinto chefe de nossa esquadra nas águas do Paraguai” e definido como um “herói” e “digno êmulo dos valentes Visconde de Tamandaré e Barão do Amazonas”, constituindo “uma das maiores glórias da marinha de guerra”, na qual vinha se distinguindo “tanto no serviço marítimo e de armas, quanto nos conselhos da coroa, aos quais por vezes foi chamado para a pasta da marinha”. O periódico lastimava que lhe

⁴¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 dez. 1867.

faltassem “infelizmente dados específicos sobre a carreira do herói”, de maneira que tivera de limitar-se àquelas “poucas palavras” sobre ele.



Outro militar sobre o qual o semanário não tinha muitas informações era o coronel Carlos Neri⁴², qualificado como “um bravo” e “um dos oficiais mais distintos do nosso exército e cujo nome tem sido honrosamente mencionado em todas as partes de combates”, que eram noticiados acerca “do teatro de guerra”. A folha especificava que fora “sobretudo nos últimos combates que honroso quinhão coube ao velho guerreiro”, o qual, “à frente de sua divisão de valentes, fez milagres de valor e energia”. O periódico reiterava que “também sobre ele nos faltam dados minuciosos acerca de seus últimos feitos e de sua carreira militar”, de modo que teve de reduzir a abordagem à apresentação de “seu retrato, que ainda ganha de interesse por ser tirado em frente de sua barraca, e cercado de objetos de uso constante no acampamento”.

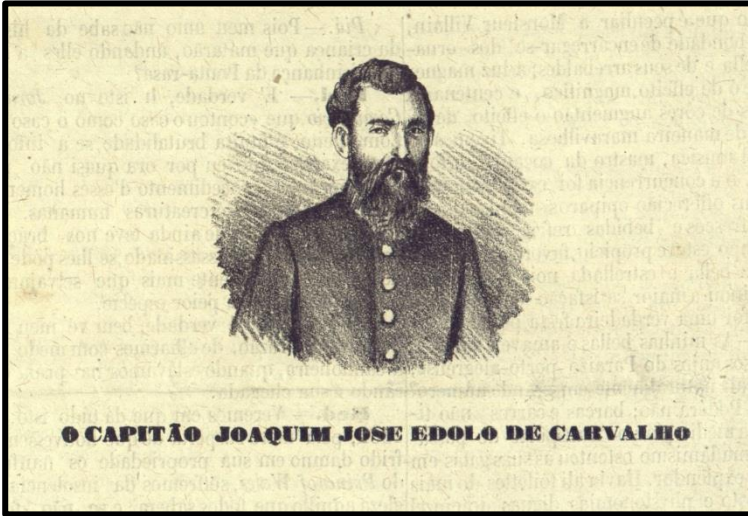
⁴² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 dez. 1867.



A *Sentinela do Sul*, na abertura de mais uma de suas matérias, anunciava que iria “esboçar rapidamente” uma outra biografia, no caso a do coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita⁴³, que nascera na província rio-grandense, denominada de “berço de valentes”. Para a folha, desde o início de sua carreira, o militar já demonstrara “valor e intrepidez”, capaz de “nobre sacrifícios de seu bem estar e de seu futuro pela causa pública”, vindo a merecer “pomposos elogios pela perícia, atividade e zelo” na realização de suas tarefas. As ações do coronel eram descritas desde a Revolução Farroupilha até a Guerra do Paraguai, ressaltando o periódico que, nesta última campanha, “tanta glória, tanto valor, tanto patriotismo desapareceram ao sopro da morte”. Segundo a publicação, “naquela alma vazada

⁴³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 dez. 1867.

nos moldes dos grandes guerreiros abrigavam-se todos os renhimentos” que fariam “eterna a sua recordação em sua família e amigos”, levando “seu nome à história de seu país”.



Ainda que português de nascimento, o capitão Joaquim José Edolo de Carvalho⁴⁴, elegera o Brasil como pátria adotiva, chegando a defender a causa nacional nos enfrentamentos bélicos travados no exterior como foi o caso da Guerra da Tríplice Aliança, daí a homenagem de *A Sentinela*. A folha explicava que o personagem em questão desempenhara vários encargos na esfera civil, mas, diante dos conflitos externos travados pelo Império, engajou-se na vida militar, vindo a lutar em território paraguaio. Em relação a estas funções, o

⁴⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 dez. 1867.

periódico citava que Edolo de Carvalho atuara com “assiduidade, zelo, inteligência e rigidez”, com uma “conduta militar e particular exemplar, tornando-se por isso digno de toda a confiança e apreço”. Em relação ao campo de combate, ele teria agido “com bizzarria e denodo, animando com muito sangue frio a seus comandados, levando-os aos lugares de maior perigo”; e ainda “com bizzarria e muita valentia”. Na efetivação de tal empenho, Carvalho recebera graves ferimentos, de modo que ficara “para sempre defeituoso da perna esquerda, e sobremodo inútil para o serviço de campanha”, concluía o semanário com pesar.



A homenagem de *A Sentinela do Sul*, em registro textual e iconográfico, coube também ao coronel

Salustiano Jerônimo dos Reis⁴⁵. Na abertura da matéria, o periódico tecia diversas reflexões acerca da guerra e de seus efeitos, demarcando que “o Brasil é digno de altos destinos, porque os seus filhos” vinham sabendo “manter com nobreza e vigor os pátrios brios” e cumprindo “os graves deveres da honra”, perante as “grandes justas das nações, de heroicos feitos e de lances cruéis”. Nessa linha, enfatizava que o Império estava dando “ao mundo as provas de sua robusta nacionalidade com manifestações repetidas do patriotismo dos seus filhos”. Especificamente a respeito do coronel Reis, a folha confessava não possuir “sua honrosa fé de ofício”, de modo que lançaria, “sem maiores pretensões, ao correr da pena, ligeira notícia da vida desse digno oficial”, descrito como um militar que tinha “o peito honrado coberto com s distinções do mérito”.

O homenageado fizera parte das campanhas na guerra civil de 1835-1845 e nas lutas contra Rosas e Aguirre. O periódico esclarecia que, quando se iniciou o conflito contra o Paraguai, aquele “digno comandante” encontrava-se “firme no seu posto e zeloso de seus deveres”, empregando-se “nas árduas ocupações de instruir os seus comandados”, preparando “neles esses valentes soldados que haviam de vencer com inteligente bravura as fanáticas massas paraguaias”. A folha apontava que, já em terras guaranis, “lugar de honra e perigo”, o coronel Salustiano tinha, em “nobre exemplo de devoção militar, nos dois simpáticos ajudantes, dois filhos ainda imberbes, que dele recebiam o profundo ensino do dever”. Segundo a publicação, “foi na altura

⁴⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 5 jan. 1868.

destas sanguinolentas jornadas que se produziu lamentável episódio, que honra os nossos fastos militares”, vindo o coronel a ter um de seus filhos ferido, mas, ainda assim, sem deixar de continuar “intrépido à frente da brigada”, e, mesmo depois de confirmada a morte do jovem, Salustiano prosseguiria, dando “ordem de avançar e à frente dos seus bravos mostra quanto pode a consciência do dever”. Nesse sentido, o semanário defendia que “o coronel Salustiano Jerônimo dos Reis bem tem merecido do seu país, que não deixará de reconhecer-lhe dedicação e patriotismo”, e, mesmo “se a fria ingratidão lhe recusar serviços”, ele encontraria “no santuário da consciência a enérgica asseveração de quem sempre obedeceu ao dever”, constituindo seus atos em uma “glória que não se extingue, lavrada em documento que não se falsifica”.



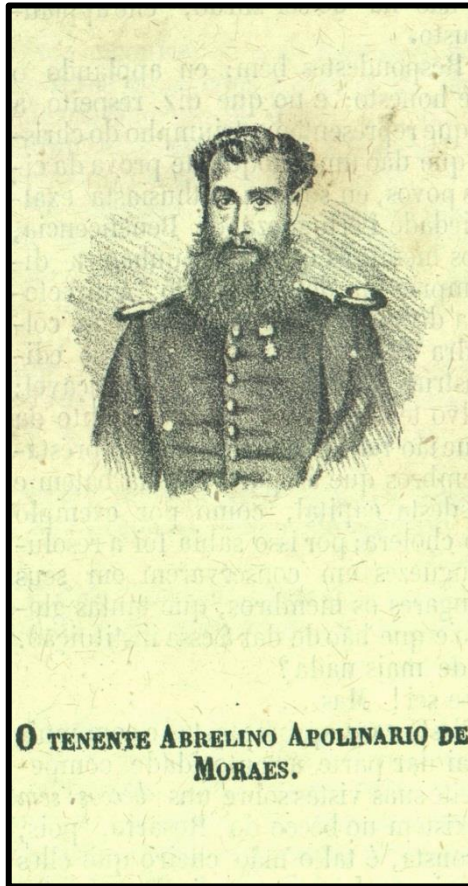
As congratulações do jornal porto-alegrense viriam a recair sobre outro oficial da marinha brasileira, o então Visconde de Tamandaré⁴⁶. Lembrando que “o Brasil atravessa um grande período da sua história”, tendo sido provocado “pelo ambicioso déspota que oprime, para vergonha da civilização do século, o mísero povo paraguaio”, a folha demarcava que aquele conflito bélico atingira “proporções nunca previstas pelo nobre e heroico povo brasileiro”. Diante disso, *A Sentinela*, “fiel ao seu programa e às suas tradições”, dizia oferecer “aos seus leitores o retrato do almirante Visconde de

⁴⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 12 jan. 1868.

Tamandaré”, justificando que “a falta de dados biográficos retardou a publicação da biografia do bravo brasileiro”, havendo ainda falta de dados para guiar o “esboço da vida militar deste valente brasileiro”. Esse “chefe da marinha” era considerado “o tipo do valor e a garantia da vitória nos combates que assistiu, quer comandado, quer comandando”. Para o periódico, “na gloriosa jornada de Paissandu, pela bravura com que se portou e pelo brilhante papel que desempenhou como militar de um país civilizado”, o almirante tornara-se “o ídolo da nação, e mais segura garantia do triunfo da causa nacional”.

Em tom de conclamação, a folha dizia que “o exército, a marinha, o governo, a imprensa, o povo exclamavam” que “o Visconde de Tamandaré é a vitória”, de modo “a fama do seu nome” e “o eco das suas façanhas foi repercutir na imprensa de todos os países civilizados”. De acordo com o *hebdomadário*, Tamandaré constituía “o mais eloquente exemplo das vicissitudes das coisas humanas”, sendo em determinados momentos tratado com glórias, e, em outros, com indiferentismo, por ser injustamente atribuída “a inação da esquadra à má direção do seu valente chefe”. Diante disso, o periódico protestava contra o fato de “uma glória nacional, que significa a força, o brilho da armada do Brasil, arrastada insultuosamente pelas colunas de jornais estrangeiros”. Levando em consideração tal situação, a publicação sentenciava que, “na história dos guerreiros aparecem certos períodos lúgubres que não valem para eles todas epopeias de suas glórias”, vaticinando que ainda estaria por vir o pronunciamento do “juízo final sobre o

almirante brasileiro que comandou a esquadra nas águas do Paraguai”.



Um outro militar que se dedicava à causa brasileira no Paraguai foi homenageado pelo periódico porto-alegrense, tratando-se do tenente Abrelino

Apolinário de Moraes⁴⁷. O jornal lançava uma memória sobre os tantos brasileiros que, pelas mãos dos inimigos ou pelos efeitos das doenças, que perderam suas vidas em terras paraguaias. Nesse contexto, citava que, “entre a plêiade brilhante de moços naturais dessa província, que entusiástica e patrioticamente deixaram as delícias da paz doméstica para empunhar uma espada”, estaria a avultar “o caráter simpático de um mancebo que pela vez primeira em sua vida trocou o fato do paisano pela blusa de militar”. A referência era ao “intrépido rio-grandense Abrelino Apolinário de Moraes”, que assistira à rendição dos paraguaios em Uruguaiana, vindo depois a participar de diversos combates, e, em um deles, tivera “uma notável parte, conquistando um nome invejável”.

Tal militar foi alvo de diversos elogios, como pelo caso de sua “maneira destemida e inteligente”, seu “comportamento brilhante, seu valor” e “sua exemplar conduta”. A folha demarcava que sua carreira fora abruptamente interrompida, uma vez “atacado pelo cólera” e vindo a morrer “longe da pátria e dos seus, tendo por sepultura um pedaço dessa terra maldita de Deus e dos homens”. Perante tal circunstância, a publicação lamentava, dizendo que fora “pena a sua morte”, pois “ele era digno de melhor sorte” e “de uma longa vida, gozada no seio dos seus, à sombra dos louros colhidos no campo de batalha”, a partir de “seu valor, sangue frio e decidida aptidão no meio dos perigos”. Com a interrupção da vida do militar, o periódico desejava que “ao menos não fique seu nome no olvido, e que a história o registre com apreço e acatamento a que tem direito a sua memória”.

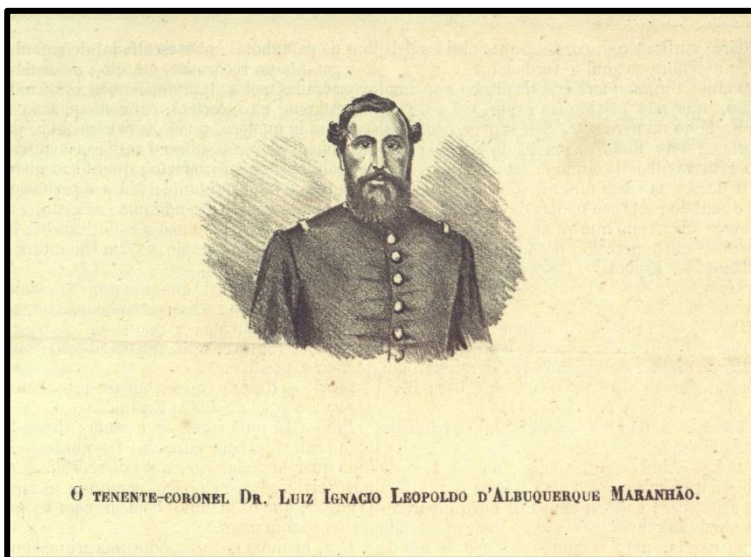
⁴⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 jan. 1868.



A *Sentinela* destacava “um desses oficiais que teria chegado aos últimos postos na hierarquia militar, se soubesse curvar-se – cego – aos caprichos ou ingratidão”, referindo-se ao coronel Pedro Maria Xavier de Oliveira Meireles⁴⁸. De acordo com a folha escrever a biografia de tal personagem seria o mesmo que “reproduzir aquilo que todos sabem”, tamanho seria o seu reconhecimento, inclusive nas campanhas do Paraguai. O militar era caracterizado pelo semanário a partir de “sua alma grande” e de “seu coração generoso”, tendo recebido “de seus oficiais e soldados as maiores demonstrações de apreço e amizade”, além de

⁴⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 jan. 1868.

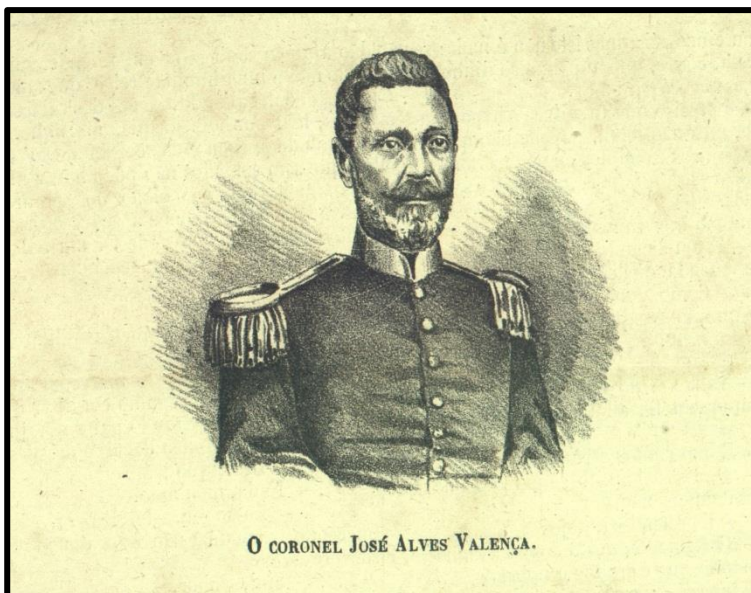
amplas manifestações honoríficas. Com base em “tais ofícios e cartas, bem como apontamentos para a história verdadeira do país”, a publicação declarava que tais elementos haveriam de “um dia aparecer, mas só quando as paixões e as misérias não existirem”, permanecendo a dúvida se estaria ainda “o coronel Meireles vivo, ou já morto”.



A folha ilustrada anunciava que estava a estampar “o retrato do tenente-coronel Dr. Luiz Inácio Leopoldo de Albuquerque Maranhão”⁴⁹, que viera da Paraíba para servir na Guerra do Paraguai. A narração do periódico especificava que aquele “exímio patriota”, deixando para trás uma família de posses, não hesitara

⁴⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 jan. 1868.

“em abandonar tudo, sacrificar seus cômodos e haveres, para pressuroso correr ao chamamento da pátria” que estaria a bradar “por seus filhos para desagrá-la da afronta recebida dessa horda de selvagens paraguaios”. Ainda a respeito do tenente-coronel, o hebdomadário descrevia que “três anos têm decorrido que ele, acostumado a gozar uma vida cheia de cômodos, passa vida amarga e dura, tendo por leito o duro chão e por teto sua barraca”, isto “quando não passa as noites sofrendo as intempéries das estações”, ficando “entregue às vigílias e cuidados que soem acompanhar aos militares briosos que sabem desempenhar e cumprir seus deveres”. A publicação relatava também que, “nos diversos combates em que se tem achado, há dado exuberantes provas de seu valor e sangue frio”, além de “seus exemplos de subordinação, valentia e vero amor da pátria”, que seriam “dignos dos maiores elogios”, bem como “de ser imitados por todos que têm a honra de militarem debaixo de suas ordens, com que sinceramente se ufanam aqueles que tal fortuna possuem”.



Com larga experiência desde a época da Revolução Farroupilha, quando conquistara “à custa de heroicos sacrifícios, não só a estima e consideração de seus amigos e companheiros de armas, como o respeito de seus adversários”, o coronel José Alves Valença⁵⁰ foi outro dos homenageados por *A Sentinela do Sul*. O militar também participara da Guerra contra o argentino Rosas e, segundo a folha, “de então para cá, todas as vezes que sua espada foi reclamada pela pátria, não recusou, fazendo todas a campanhas a que nossos vizinhos nos têm obrigado”, sempre “inspirando confiança a seus superiores e amor e respeito a seus subordinados”. O periódico ressaltava que, como

⁵⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 2 fev. 1868.

“homem que nunca tinha sabido negar-se aos reclamos da pátria”, o coronel Valença também aceitara participar da Guerra do Paraguai, vindo a falecer, sem que nem mesmo “seus restos mortais” tivessem retornado à pátria natal.



Dentre os indivíduos que *A Sentinela* apresentou seu preito esteve o capitão Julião José Tavares⁵¹, outro que aparecia “entre as inúmeras vítimas” brasileiras. De acordo com o jornal, houvera “vítimas mais ilustres, de mais nobre estirpe” e “de nome mais falado”, entretanto,

⁵¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 2 fev. 1868.

como este militar, “nenhuma de coração mais patriótico, de dedicação mais ardente” e “de virtudes cívicas mais esplêndidas”. A folha explicava que Tavares “era pardo” e “seu berço não fora das galas da riqueza e do prestígio”, de modo que, “oriundo das ínfimas camadas do povo”, ele “deveu ao seu valor, à sua nobre altivez, à elevação do seu caráter e às suas virtudes cívicas, a posição honrosa que conquistou na sociedade”. Para o periódico, o capitão Julião “era o protótipo da honradez, do paciente trabalho” e “do mais puro patriotismo”, tendo atuado na vida militar gaúcha desde a Revolução Farroupilha, de forma que, “pela nobreza de seus sentimentos, pela sua proverbial honradez e pela elevação do seu caráter, impunha respeito a todos”.

A publicação dizia que o personagem, em sua vida civil, dedicara-se às lides de artífice, mas, “quando de novo a pátria apelou para os seus filhos, o valente capitão trocou mais uma vez o malhete do operário pela espada do herói”, incorporando-se ao “pugilo de heróis” que marchava para o Paraguai. Nas terras guaranis, segundo a folha, “o brioso soldado”, após sofrer “uma injustiça”, lançou-se à batalha, vindo a achar uma “morte gloriosa, como mártir da pátria”, perecendo “um soldado valente” e “um cidadão exemplar”, que permaneceria vivo “na memória dos seus amigos e companheiros”. Considerando que “o seu renome deve perdurar em círculos mais vastos”, o semanário declarava que cumpria “um santo dever, oferecendo aos seus leitores o busto do valente capitão de voluntários”, apresentando como “um homem de cor, um operário, um verdadeiro filho do povo”, em cuja “alma” havia “tanta grandeza, tanto amor à pátria, tantas virtudes, que a alta aristocracia bem podia invejá-las”.



Continuando no seu “empenho de dar aos nossos leitores os bustos dos pró-homens na Guerra do Paraguai”, *A Sentinela* ofertava “o retrato do invicto Barão do Amazonas, do valente almirante Francisco Manoel Barroso⁵², do herói de Riachuelo e Cuevas”. A folha ressaltava, entretanto, que não poderia “relatar a vida desse distinto marítimo, uma das maiores glórias de nossa gloriosa marinha, porque nos faltam os precisos dados biográficos”. Argumentava, porém, que, “para eternizar o seu renome e levantar-lhe um monumento em qualquer peito brasileiro”, bastaria dizer “que foi ao seu valor, à sua perícia, ao seu sangue frio e à sua

⁵² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 16 fev. 1868.

singular intrepidez que o Brasil deveu às glórias de Riachuelo”.

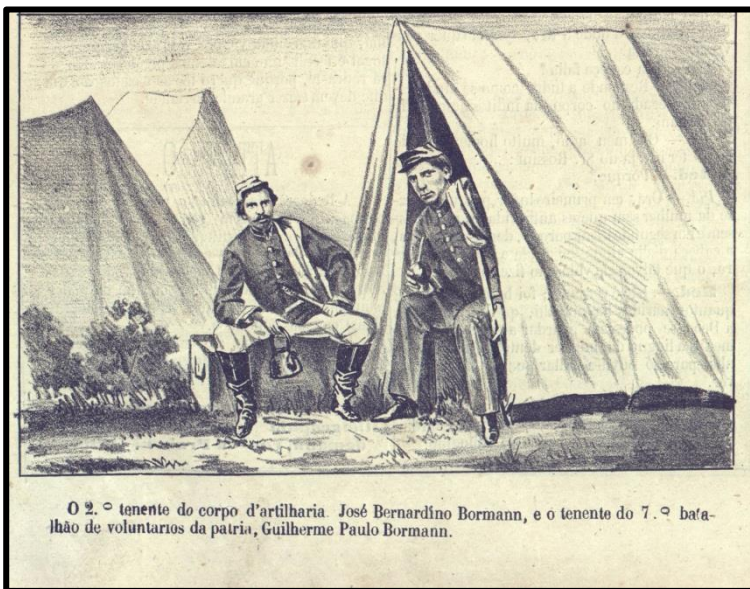
O periódico traçava alguns detalhes a respeito da Batalha Naval do Riachuelo, qualificando-a como “a epopeia marítima mais brilhante que a história do mundo consignou em suas páginas”. Nessa linha, a folha demarcava que fora “a resolução heroica do valente Barroso, que se vendo perdido, atirou-se sobre os navios inimigos, metendo-os a pique”, bem como fora “o seu inexcedível valor e o dos seus comandados, ainda novatos na guerra, que operaram aquele milagre de valor, que não tem igual na história do mundo”, vindo a salvar “os aliados dos efeitos do bem combinado plano de campanha do tirano de Assunção”. Para o hebdomadário, o dia de Riachuelo era “de imarcescível glória para o Brasil”, em um quadro pelo qual, “quem diz Riachuelo, diz Barroso”, já que tal “triunfo gravou o nome do valoroso Barão do Amazonas em letras indelévels nas áureas tábuas de nossa história”. Diante disso, a publicação concluía que “a nação venerará, ainda nos tempos mais remotos, no invicto herói do Amazonas, o salvador de sua honra, o defensor do seu pavilhão”.



A folha referia-se novamente a “mais uma vítima na atual Guerra contra o Paraguai”, citando o “jovem alferes Carlos Kersting”⁵³. O periódico descrevia que, com o espocar do conflito com a nação guarani, “não pode o jovem patriota resistir aos impulsos de seu coração, que o impeliram no desejo de ajudar a debelar os inimigos de seu país”. Narrava ainda que o militar “estava destinado ao sacrifício cruento, deixando de existir tão moço pelo contágio da peste, que ceifou em flor aquela preciosa vida”, após os “grandes serviços” que prestara. Ao destacar o personagem, o semanário dizia que o mesmo era “modesto e jovial no trato, austero e justo no cumprimento de seus deveres militares, granjeando para logo a estima de seus comandantes”, bem como “o respeito de seus

⁵³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 16 fev. 1868.

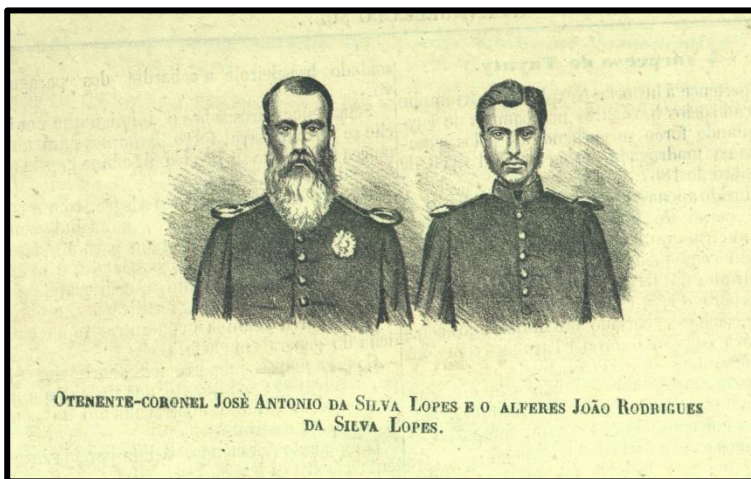
comandados”, demonstrando em “seu aspecto força de vontade e firmeza de caráter”.



Reproduzindo gravura publicada na *Semana Ilustrada* da Corte, *A Sentinela do Sul* trazia “o retrato de dois valentes filhos de Porto Alegre que muito se têm distinguido na Guerra do Paraguai”. Eram eles José Bernardino Bormann e Guilherme Paulo Bormann⁵⁴. A folha explicitava que este perdera “a vida na campanha do Paraguai, ferido em Curupaiti, sucumbiu mais tarde e exalou o seu último suspiro, defendendo a sua pátria”; ao passo que aquele, em Tuiuti, “fez milagres de valor e prestou relevantíssimos serviços, salvando o

⁵⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 16 fev. 1868.

acampamento de uma nova tentativa” inimiga. Em conclusão, o periódico desejava “honra a estes valentes porto-alegrenses, dos quais um infelizmente teve de pagar com a vida a sua dedicação à pátria”.



Com participação na repressão aos movimentos rebeldes provinciais e na “campanha de 1851 e 1852 contra os tiranos do Prata”, outro militar em destaque pelo periódico ilustrado gaúcho foi o tenente-coronel José Antônio da Silva Lopes⁵⁵. Discorrendo sobre ele, a folha dizia que assistiu a rendição paraguaia em Uruguaiana, além de ter participado em diversos combates no Paraguai, chegando a ser ferido, de modo a ficar “completamente inutilizado para todo o serviço de paz e guerra”, além de ter perdido o filho, o alferes João Rodrigues da Silva Lopes. Ainda na mesma narração, o semanário informava que o tenente-coronel retornara

⁵⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 23 fev. 1868.

para Porto Alegre, onde continuava “a tratar-se”, vivendo junto de sua “numerosa família”.

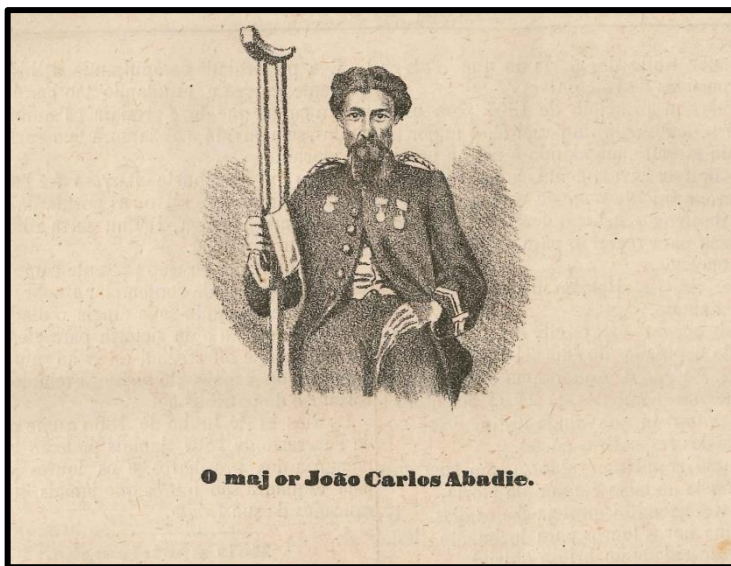


Em outra matéria laudatória acerca dos participantes da Guerra da Tríplice Aliança, o hebdomadário opinava que, “apesar dos pessimistas tem-se por tal modo reproduzido no Império os atos de patriotismo”, nos quais teriam sido “tão valiosos e frisantes as provas de abnegação, que ninguém taxará de coisa fácil de distinguir qual o brasileiro que mais haja bem merecido da pátria”. Argumentava ainda que “nem a duração desse flagelo, que parece interminável, nem a certeza das inúmeras dificuldades que oferece o inóspito Paraguai”, nenhum fator seria o “bastante para retê-los ante o dever”. Nesse sentido, a folha dizia que “por entre a multidão de filhos deste país que tanto o tem assim

ilustrado, descobrimos um nome” que deveria ser assinalado, o qual seria o de “Antônio do Rego Duarte⁵⁶, de quem todos guardamos as mais gratas recordações, pelo muito que se tornou distinto entre nós”.

A publicação afirmava ainda que, “para que o leitor bem julgue e avalie” o personagem em questão, recomendava alguns “ligeiros traços biográficos”, os quais informavam que sua carreira iniciara no combate à revolta paulista de 1842. O militar era caracterizado como “dotado de verdadeiro gênio militar e por extremo zeloso de seus deveres de cidadão e de soldado, além de intrépido e valente”, que se “fez logo notável, conquistando a estima de seus chefes”, dando também “denodadas provas de valor generoso”. Após sofrer com ferimento, o tenente-coronel Rego Duarte teve de recuperar-se, para, em 1867, oferecer-se mais uma vez para “fazer parte das forças que combatem o régulo de Assunção”, seguindo para lá “com essa nova plêiade de bravos, onde estamos certos que fará uma abundante e aprimorada colheita de louros”.

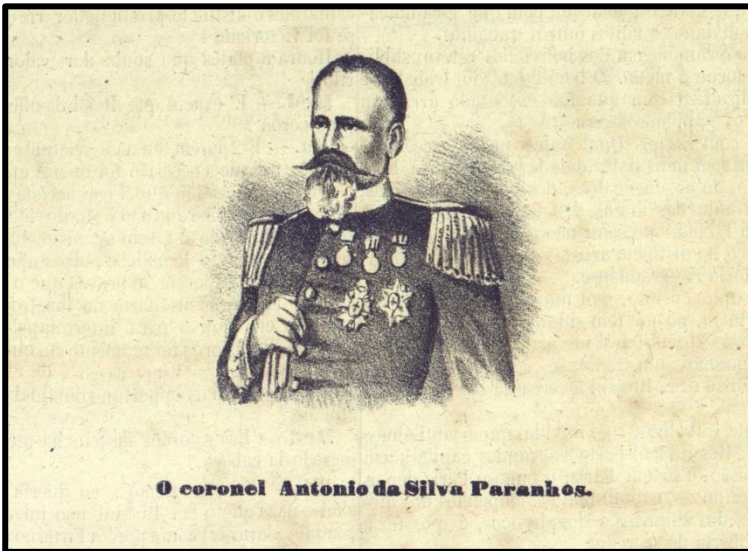
⁵⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º mar. 1868.



Categorizado como “um dos mais esforçados e bravos rio-grandenses, que na atual campanha do Paraguai tem mantido a brilhante reputação do torrão natal”, o major João Carlos Abadie⁵⁷ esteve dentre os homenageados de *A Sentinela*. De acordo com o jornal, “valor impertérito, infatigável de dedicação ao serviço são títulos que recomendam” o militar em pauta “à estima dos seus comprovincianos”, sendo apresentada a sua evolução na carreira militar, com destaque para a participação no conflito contra o argentino Rosas. O periódico destacava que Abadie também participara de vários enfrentamentos na Guerra do Paraguai, onde teria atuado com “patriotismo, abnegação e bravura”. A folha ainda comentava que o major era “um rio-grandense

⁵⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868.

valeroso, um guerreiro brilhante pela audácia e amor da glória”, bem como lhe desejava “novos louros para luzimento desta terra e prosperidade do brioso oficial”. Ao final, o semanário exclamava que o Rio Grande vinha sofrendo, “mas os teus filhos zelam o teu nome, e erguerão a tua honra às sumidades da pátria história”.



Em mais uma biografia de tom encomiástico, o semanário gaúcho chamava a atenção para “o herói que vamos historiografar alguns traços de sua vida pública”, em referência ao coronel Antônio da Silva Paranhos⁵⁸. A folha explicitava que tal militar era baiano de nascimento, mas lutara em nome da legalidade, no Rio Grande do Sul, à época da Farroupilha, bem como

⁵⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868.; e 15 mar. 1868.

participara na Guerra contra Rosas, na qual realizara “um feito glorioso para as armas brasileiras”, que correspondeu a “mais uma conquista de glórias”, de modo que, entre uma “plêiade de bravos, resplandecia o heroico vulto de Paranhos”. O periódico ainda citava a presença do militar no conflito contra o Uruguai e dava maior ênfase ainda à sua participação na Guerra do Paraguai, na qual permanecia, “para glória sua, onde tantos louros tem colhido e para glória de seu país, que o contempla como um dos seus mais heroicos filhos”.

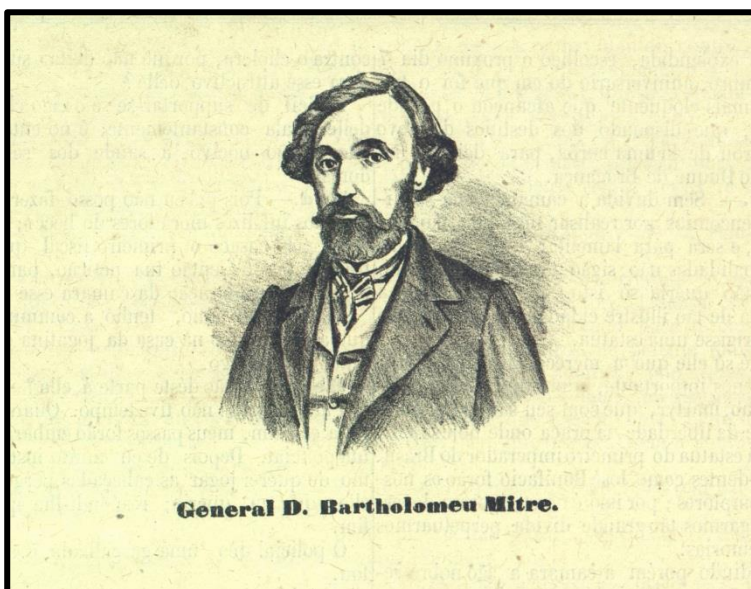
A folha demarcava também que fora na campanha no país guarani que os “feitos” de Paranhos “mais têm brilhado”, o que estaria a dar “motivo para que seu nome seja repercutido com respeito e admiração do sul ao norte do Império”. A publicação dizia sentir por não poder, “com mais minuciosidade, historiar a vida do ilustre guerreiro”, o qual, “durante sua carreira militar, pediu, somente uma vez, licença para tratar de sua saúde”, mas “não chegou a gozá-la, em consequência de ter de acudir aos deveres de soldado brioso, visto as complicações com o Estado Oriental terem-se agitado”. Explicava que, assim, ali estava, “resumidamente, o que podemos colher acerca do ilustre soldado, que no inóspito Paraguai, com sacrifício de sua vida”, estava “pugnando pela honra de seu país e oferecendo-lhe páginas gloriosas que tanto o ensoberbecem”. Em conclusão, o semanário afirmava que apresentara “a vida do herói”, qualificando-a como “digna de ser admirada e escrita, para que a posteridade possa contemplar no coronel Paranhos um de tantos filhos que honram o torrão que os viu nascer”.



A Sentinela do Sul publicou outra matéria na qual esclarecia que, “entre essa plêiade brilhante de jovens, cheia de inteligência e de entusiasmo”, a qual, “deixando os bancos acadêmicos, seguiram a ocupar seu posto de honra na atual guerra contra o governo do Paraguai”, destacava-se “o vulto do simpático rio-grandense, o 1º tenente de artilharia Bibiano Sérgio Macedo da Fontoura Costallat”⁵⁹. A folha informava que o personagem em pauta era “descendente de grande família, cujos filhos tantos dias de glória deram ao país e muito principalmente a esta heroica terra”, de modo que “tem o jovem militar sabido seguir o trilho de seus antepassados”, além de merecer “sempre a estima de

⁵⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 mar. 1868.

seus superiores, sem nunca descer ao servilismo e à bajulação”. O periódico tecia elogios à ascensão estudantil do militar, bem como citava os passos que dera na hierarquia da vida castrense, com destaque para a campanha no Paraguai. Ao fim, a publicação desejava que lhe “consERVE a providência divina seus dias e esta bela terra se orgulhará ainda mais, se possível for, de ter sido berço de tão distinto oficial”.



Um político e militar estrangeiro também compôs a galeria de biografados de *A Sentinela*, tratando-se de um dos líderes que integrava a Tríplice Aliança, o general argentino Bartolomeu Mitre⁶⁰. A folha explicava

⁶⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 mar. 1868.

que o Presidente da República Argentina “não deve a sua carreira exclusivamente à sua perícia militar”, pois “as suas mais belas vitórias, os mais brilhantes louros, colheu noutro campo que não o de batalha”, já que devia “sua importância política em grande parte ao seu prestígio de jornalista e orador”. Detalhava assim que ele, “durante longos anos, fez parte integrante da imprensa política de Buenos Aires, e à sua pena mais que à sua espada deveu as glórias de sua atual posição”. Entretanto, o hebdomadário alinhavava que a vida do personagem também se consignara em “páginas de lide guerreira”, uma vez que, “como todos os hispano-americanos, é soldado nato, pelo menos soldado das lutas intestinas”.

A publicação sul-rio-grandense chegou a tecer críticas à atuação do general argentino como comandante em chefe do exército aliado, explicitando que “a aliança com Buenos Aires era uma necessidade”, mas “o comando em chefe de Mitre não só não era necessário, como também não foi proveitoso”. Nesse sentido, a folha esclarecia que, “há pouco, quando Mitre condenava o nosso exército à inação, nós não lhe teríamos estampado o retrato”, porém, “hoje, que ele se retirou do exército, já lhe podemos ser gratos por este favor e nada nos impede de lhe reproduzir a efígie”. Dizia ainda a esse respeito, que o militar portenho “não é estratégico nem chefe militar de real mérito”, como o “seu comando no Paraguai o tem provado”, mas que, “felizmente, já pertence essa terrível época à história, que algum dia proferirá a sua sentença imparcial”. Na opinião do periódico, o líder argentino, “como estadista e como político, vale muito mais do que como general”, considerando que “Mitre é fiel à aliança, simpatiza com

o Brasil e não nos abandonará”. Com certa ironia, o semanário dizia que desejava dever ao personagem “o favor de se conservar em Buenos Aires até o fim da guerra”, esclarecendo que, “abstração feita de sua incapacidade militar, é Mitre um homem superior, de incontestável talento e estimável pela elevação do seu caráter”, de modo que, “no seu país, desempenhará sempre um papel proeminente, e a Guerra do Paraguai legará o seu nome à história”.



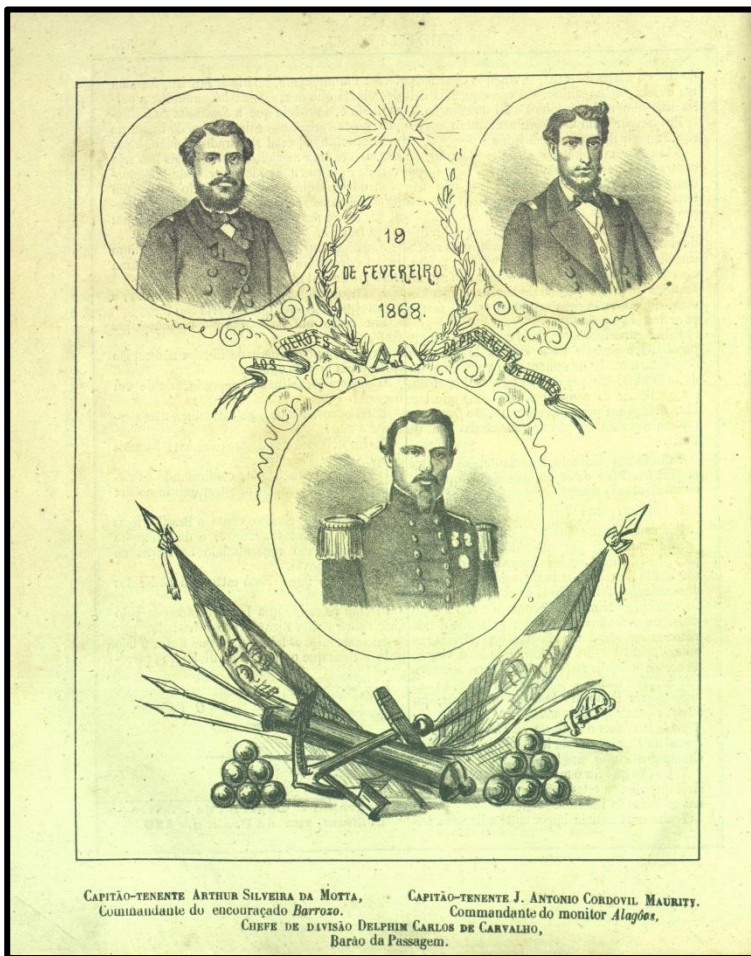
Em mais uma coluna biográfica, o jornal anunciava que estava estampando “na seção competente o retrato do bravo coronel João Niederauer Sobrinho”⁶¹, o qual, “na atual guerra contra o tirano do Paraguai”,

⁶¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 mar. 1868.

vinha sendo “um de tantos soldados, que, constante e destemido, há sustentado com galhardia o glorioso e histórico nome da cavalaria rio-grandense”. Esclarecia que o militar era “natural da heroica província do Rio Grande do Sul, a terra que orgulhosa se levanta para manifestar ao universo ser o berço de tantos mártires”, os quais “verteram seu sangue para erguerem o estandarte da liberdade, e de tantos outros guerreiros gloriosos, que seria difícil mencioná-los”. A folha destacava as participações do militar em campanhas na Argentina e no Uruguai, apontando o mesmo como “rio-grandense brioso e com antecedentes que honravam seu respeitável nome”.

Já com a Guerra do Paraguai, de acordo com a publicação, acontecia a “tarefa mais alta” e as “glórias mais esplêndidas” da carreira do coronel Niederauer. Em terras guaranis, segundo o periódico, ele teria provado “que o seu mote de guerra é avançar e não recuar” e “que a sua espada, depois de desembainhada só volta a seu estado primitivo, quando não tem inimigos a combater”. Comentava ainda a folha que “com a coragem e a destreza do soldado rio-grandense, ele não conta o número de seus inimigos” e “não encara o sacrifício de sua vida”, pois, “fazendo de seu peito uma muralha, corre em busca da vitória para depor no altar da pátria os louros que colheu”. O semanário definia que “o coronel, no campo de batalha, é um soldado rígido, amante da disciplina e valente”, porém, seria “um pai e não um superior no meio da corporação, porque na sua barraca não se respira o fétido hálito da impostura”. O periódico concluía que, na “nobre frente” do militar “já cinge muitas coroas de louros obtidas no

calor dos combates”, e bradava por “honra a este bravo”
e “honra ao Rio Grande por ter sido seu berço”.



CAPITÃO-TENENTE ARTHUR SILVEIRA DA MOTA, Capitão-Tenente J. ANTONIO CORDOVIL MAURITY.
Comandante do encouraçado *Barroso*. Comandante do monitor *Atagôas*,
CHEFE DE DIVISÃO DELPHIM CARLOS DE CARVALHO,
Barão da Passagem.

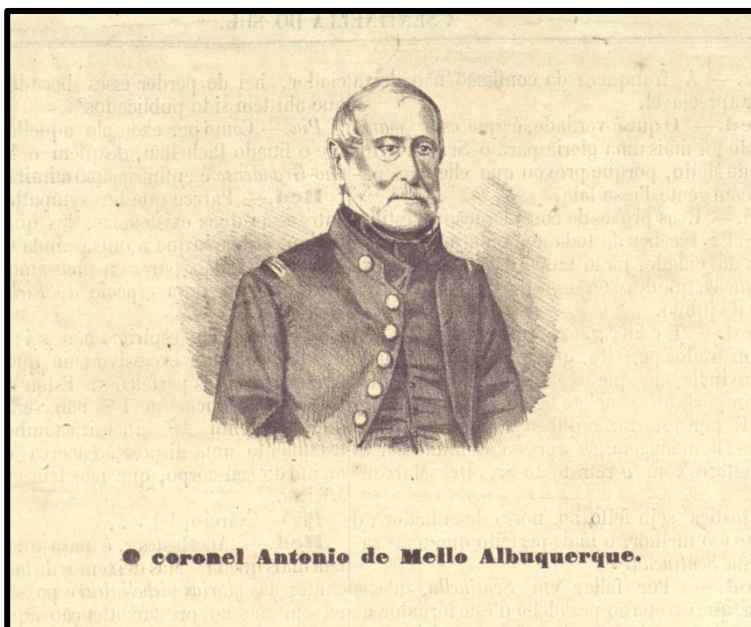
Em mais uma de suas matérias elogiosas, *A Sentinela* estabeleceu uma “homenagem ao mérito”

coletiva destinada a três militares. Nessa linha, a folha anunciava que “é como tributo de admiração e respeito que estampamos em nossas páginas os retratos dos três heróis brasileiros, vencedores de Humaitá”, ou seja, o chefe de divisão Delfim Carlos de Carvalho e os capitães-tenentes Arthur Silveira da Mota e J. Antônio Cordovil Maurity⁶². Os componentes do trio eram considerados como “os filhos prediletos da abençoada terra de Santa Cruz, os arrojados marinheiros, que transpuseram o impossível”, os quais seriam “dignos de uma epopeia”, tendo obtido um “triunfo esplêndido”, alcançado “sobre os formidáveis canhões inimigos” e “glórias imarcescíveis ofereceram ao país que lhes serviu de berço”. Segundo a publicação, “a história, com orgulho, registra hoje os nomes dos três bravos, sustentáculos da honra nacional”, de modo a apresentar à “futura geração” que deveria se curvar diante de “seus nobres vultos”.

O jornal dizia que os três militares, “transpondo o invencível, elevaram o nome brasileiro a uma pirâmide gloriosa e firmaram a reputação da vencedora esquadra do Riachuelo”, já que “no mundo não se menciona um ato de heroísmo mais eloquente” do que aquele por eles realizado, em verdadeiro “superlativo do arrojo”. Para a folha, tal ação da armada brasileira teria “aniquilado o orgulho do tirano do Paraguai”, devendo ser “cobertos de glórias” a “egrégia marinhagem brasileira”, qualificada de “heroica”, e os seus membros denominados de “bravos”. Considerava ainda que, “com este feito, o país com orgulho se ergueu” e “os anais guerreiros perplexos” demonstraram admiração. Ao

⁶² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 5 abr. 1868.

final, o semanário clamava por “honra à valente esquadra vencedora”, desejando “que Deus continue a protegê-la para glória sua e do Brasil”.



● coronel Antonio de Mello Albuquerque.

Com parte da matéria composta por transcrição de nota fúnebre publicada em jornal da Corte, *A Sentinela* trouxe ao seu público leitor informações sobre o coronel Antônio de Melo Albuquerque⁶³, apontado como “cidadão-modelo, que tantos e relevantes serviços tem prestado ao país e a cuja memória dedicamos sincero tributo”. Com referência ao “teatro da guerra”, a

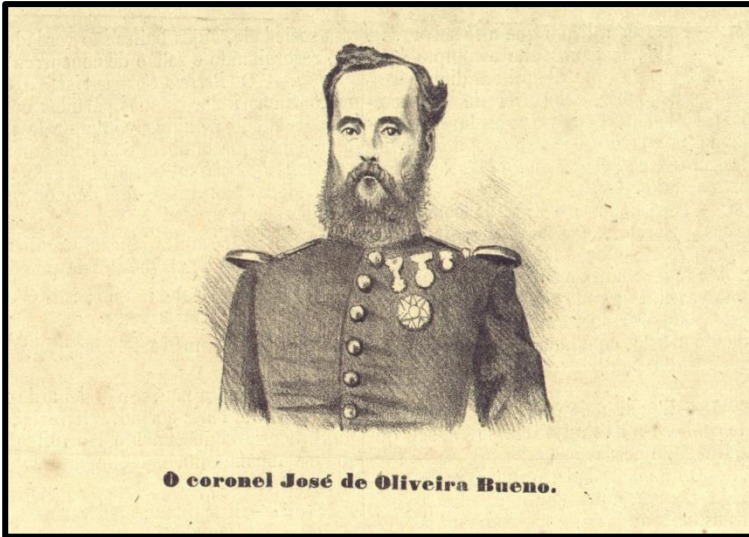
⁶³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 12 abr. 1868.; e 19 abr. 1868.

folha citava o fato de que o “povo que ali tem tantos de seus filhos, não podia regozijar-se vendo morrer o homem que era o seu ídolo”, garantindo que “ninguém soube prestar melhores serviços ao seu país com os recursos que para isso dispôs”. A ascensão hierárquica do militar foi acompanhada ponto a ponto pelo semanário, o qual concluía que, Melo Albuquerque fora “tão devotado ao seu país”, porém morreria “pobre, mas sempre honrado, não obstante ter exercido comissões que enriqueceram a outros”, de modo que “a ingratidão em sua vida foi a recompensa ordinária dos seus serviços”.

Em uma de suas edições, *A Sentinela do Sul* realizou homenagem ao Marquês de Caxias⁶⁴, personagem primordial no comando das forças brasileiras em terras paraguaias na Guerra da Tríplice Aliança. A publicação ilustrada não chegou a elaborar uma composição textual acerca do militar, limitando-se a estampar o seu retrato, ocupando o que poderia ser denominado como “página de honra” do periódico. Além dos serviços prestados durante a Guerra do Paraguai, Caxias tivera um papel relevante em outros confrontos bélicos internos e externos do Brasil, inclusive no que tange à Revolução Farroupilha, perante a qual teve atuação decisiva no processo de pacificação da província.

⁶⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 abr. 1868.





A redação da folha ilustrada porto-alegrense salientou que, “na vida do publicista, são momentos de verdadeiro prazer estes, em que toma a pena para prestar sincera homenagem ao verdadeiro mérito”. Confirmava que tal “prazer ainda aumenta quando a nossa pena”, ao se constituir “intérprete da verdade histórica, fazendo justiça aos serviços prestados pelo biografado, é também órgão da opinião pública, intérprete de geral simpatia”. Era nessas circunstâncias que o jornal se achava “em relação ao distinto coronel honorário José de Oliveira Bueno⁶⁵, cujo retrato” era oferecido “aos leitores da *Sentinela*, e que, em Porto Alegre, como em toda a província, goza de imensas afeições e é verdadeiramente popular”. A publicação dizia se referir ao “valente comandante geral do corpo

⁶⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 abr. 1868.

policial que tanto se tem distinguido na Guerra do Paraguai”, ao “herói de 20 e de 24 de maio” e ao “patriota sem igual, que, ainda de muletas, vimos voltar para o teatro da guerra”. No mesmo tom, explicitava que estava a falar do “bravo rio-grandense, que há trinta e dois anos combate em todas as guerras do Império, preludiando as glórias que o esperavam na guerra contra o Paraguai”.

Ainda a respeito do coronel Bueno, o semanário comentava que se tratava de “uma bela carreira, uma nobre vida cheia de heroicidade, abnegação e serviços prestados à pátria, cujo resumido painel” seria desenrolado “às vistas dos nossos leitores”. Definia que o militar era “o verdadeiro tipo de soldado brasileiro, em toda a sua elevação”, de maneira que, “unicamente a esforços seus, só devido ao seu valor, à sua perícia militar, à sua patriótica dedicação” foi que “galgou rapidamente os degraus da hierarquia militar, desde que ao seu mérito se abriu um campo mais vasto na campanha contra o tirano do Paraguai”. Considerava, assim, que a biografia do personagem retratado constituía “um verdadeiro monumento de glória para a província que deu o ser ao brioso soldado”. Dizia ainda que “os serviços do coronel Bueno são tantos e tão importantes, que só resumidamente, enumerando apenas fatos e dados, podemos mencioná-los”, mas que essa “simples enumeração equivale a um monumento de glória”, diante do que “a singela eloquência dessas datas, que cada uma delas liga o nome do indivíduo a uma gloria da pátria é mais tocante que as mais bem torneadas frases”. Em seguida a folha passava a discorrer sobre a carreira do homenageado, passando pela guerra civil de 1835-1845 e pelas tantas questões

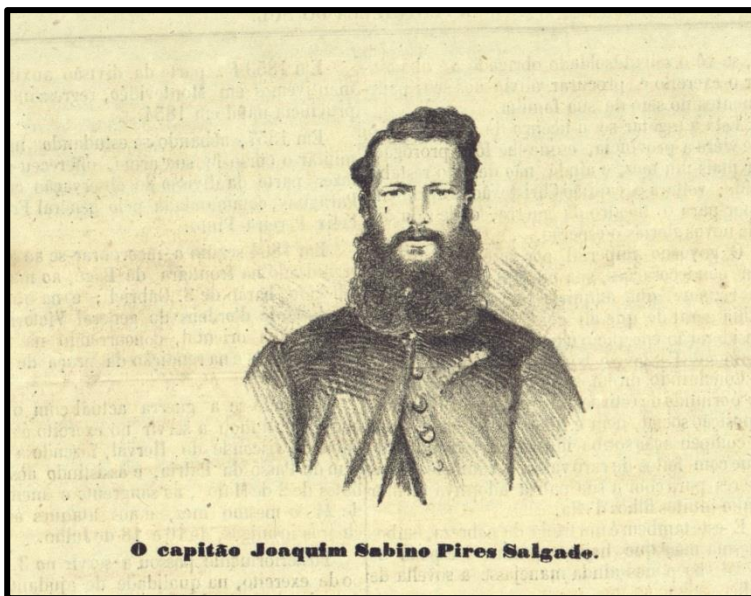
platinas, até chegar à Guerra do Paraguai, na qual foi ferido, mas, após tratamento no Brasil, voltou para a campanha, acompanhando a “voz sagrada do dever”.



A folha declarava que daria aos seus leitores “o retrato de um valente do exército brasileiro, que ocupa humilde posição social e modesto lugar na hierarquia militar do Império”. Após o anúncio, citava que “Cristóvão Baum⁶⁶ é o nome desse soldado modelo e esse nome, por humilde que seja, é respeitado no exército, é querido de todos, é uma glória nossa”, pois “pertence a um soldado valente como a sua espada, a

⁶⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 10 maio 1868.

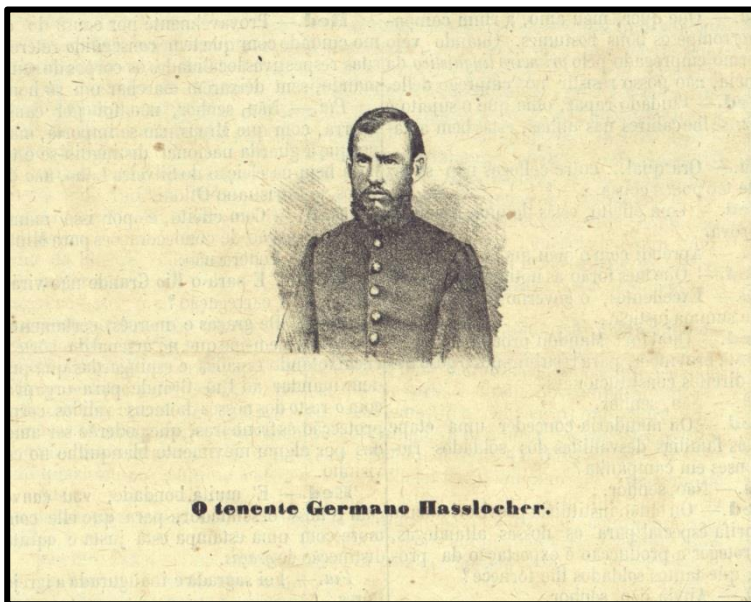
um soldado que à frente de seu esquadrão tem executado façanhas dignas de eterno renome". A publicação esclarecia que o personagem em pauta era alemão de nascimento, mas adotou o Brasil "como pátria de alma e coração", lutando em várias de suas guerras, inclusive na do Paraguai, sendo descritos vários episódios que demarcavam tal participação. Em conclusão, o periódico destacava que "Baum não é oriundo de estirpe ilustre, não ocupa grande posição social, nem é filho desta terra", entretanto, "em compensação soube ilustrar a seu humilde nome com feitos de raro valor, e cumpriu os seus deveres para com a sua pátria adotiva melhor do que muitos filhos dela". Segundo o jornal, "os homens se ilustram pelos seus feitos e mais vale o nome humilde do pobre artífice", o qual "se faz herói, do que títulos de nobreza de quem nobreza não tem na mente nem em suas ações".



Outro gaúcho fazia parte da lista de preito de gratidão de *A Sentinela* que tratava do “capitão de comissão Joaquim Sabino Pires Salgado”⁶⁷. Tal militar iniciara sua carreira militar ainda na primeira metade dos anos 1850, vindo a participar dos enfrentamentos bélicos contra Argentina e Uruguai, época em que galgou posições na hierarquia militar. Era também informado que, no exército, em uma de suas divisões vem acompanhando “em todos os seus movimentos, desde o ponto em que foi organizado até Tuiuti, e daí às posições que hoje ocupa”, vindo a tomar “sempre parte em todos os encontros em que ele tem-se achado”. O semanário citava ainda que o capitão Salgado recebera

⁶⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 10 maio 1868.

várias promoções, “por seus serviços prestados na presente guerra, com os hábitos de Cristo e da Rosa”.



Em mais uma de suas colunas honoríficas, *A Sentinela* destacou a figura do tenente Germano Hasslocher⁶⁸, o qual estaria entre os “mais bravos” e “destemidos oficiais” de sua divisão, “que é o orgulho e a glória do Rio Grande”. O semanário prometia dizer “ao leitor em poucas palavras” quem era o personagem em questão, de modo a contribuir “para que não caiam em esquecimento os feitos desse valente soldado”, o qual “tanto honra à sua província natal e ao qual damos hoje um lugar proeminente em nossa folha, estampando-lhe o

⁶⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 maio 1868.

retrato". O periódico trazia dados sobre a formação escolar e a carreira profissional, política e militar do tenente, que, por ocasião da Guerra do Paraguai, "não hesitou um só momento em abandonar a sua numerosa família, seus negócios", a sua "posição social", bem como "a legítima influência que adquirira, para obedecer ao chamado da pátria".

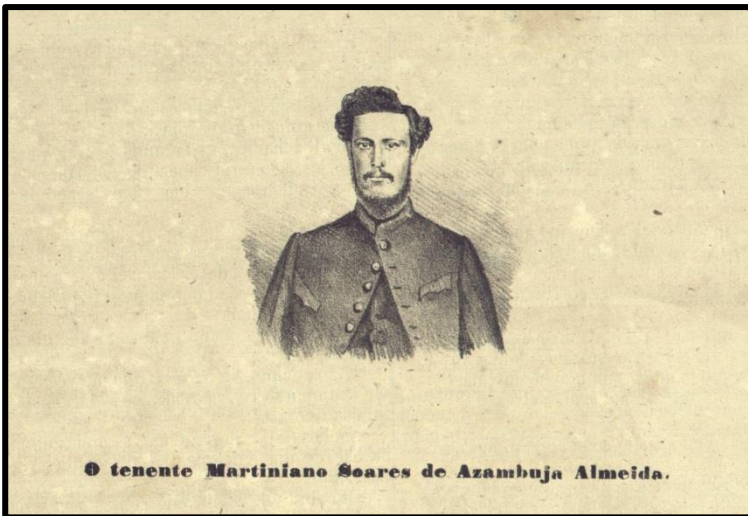
Hasslocher era qualificado pela publicação ilustrada como "oficial de raras habilitações científicas", mas que preferia a ação, de modo que participava de "todos os combates, operando verdadeiros prodígios de valor". Dessa maneira, ressaltava que o "jovem e destemido oficial" recebera diversas honrarias, ao longo de "sua carreira de abnegação e heroísmo", pondo-se sempre à frente nas batalhas, "para expor o peito ao mesmo perigo que ameaçava os seus irmãos de armas" e, a cada encontro "com o inimigo, colheu novos louros, sendo quase sempre o último a abandonar o campo". A folha ainda tecia outros elogios ao militar, considerando-o "como um dos mais bravos oficiais", diante do qual, "todos admiram os seus feitos de rara audácia", ao manter sua "coragem indômita" e a "intrepidez que vai até a temeridade, além desse valor que toca às raias do heroísmo". Em conclusão, o periódico chamava a atenção para aquele "oficial tão distinto pelo seu entusiasmo patriótico, pela sua temeridade e raro valor, pela sua perícia militar" e mesmo "pelos seus vastos conhecimentos e dotes intelectuais", sempre "honrando o país que lhe deu o ser".



O periódico porto-alegrense destacava que, entre esses moços que têm feito a glória do Brasil no Paraguai avulta o rio-grandense José Maria Guerreiro Vitoria”⁶⁹. Para a folha, “altivo, cavalheiro, denodado e generoso como o verdadeiro guerreiro, é este ilustre rio-grandense, uma das mais brilhantes glórias desta província”, de forma que, “ainda ontem particular obscuro, tomou proporções gigantescas nos momentos de perigo para a pátria”. O hebdomadário ressaltava que o personagem não tinha “brasões que nobilitem os seus antepassados, porém, é oriundo de uma família verdadeiramente nobre pela alma”, pois “eram seus pais da têmpera dos antigos rio-grandenses e lhe deram uma

⁶⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 24 maio 1868.

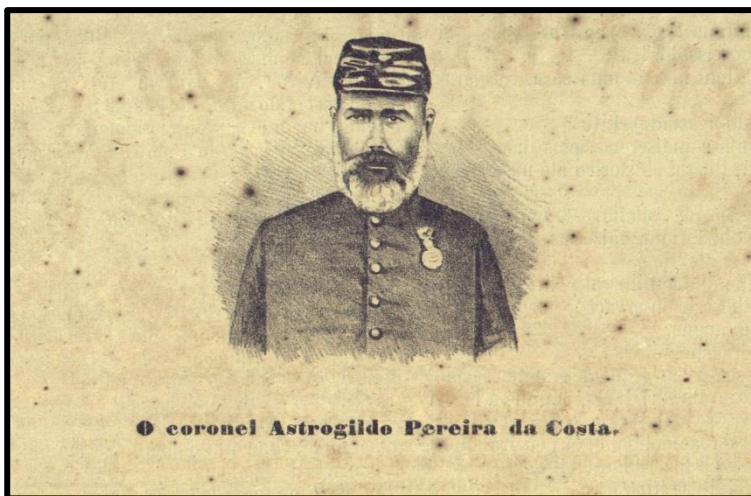
educação ideal e prática, digna deles”, ensinando-lhe “a lei do dever e o sentimento justo inato em toda a alma humana”. Ao referir-se à vida militar do major, enfatizava a sua participação na Guerra contra Rosas, realizada “toda com honra e dignidade”, para depois participar das campanhas do Uruguai e do Paraguai. No conflito com os guaranis, segundo o periódico, “o ilustre rio-grandense tem sido um dos oficiais mais prestimosos”, ressaltando que, “com tão poucos anos de idade não são muitos os brasileiros que tenham prestado tantos e tão relevantes serviços à sua pátria como o distinto rio-grandense José Maria Guerreiro Vitória”, apontado como um “exemplo a imitar” no sentido de promover “a regeneração da pátria”.



Em outra de suas matérias alusivas aos militares em campanha no Paraguai, o hebdomadário afirmava

que “mais um bravo e esperançoso chefe principia a desenvolver-se na modesta escala dos oficiais subalternos, entre os quais ocupa um lugar distinto”, o qual “lhe assegura um futuro cheio de glórias para si e para pátria” e “a província do Rio Grande”. Nessa linha, o tenente Martiniano Soares de Azambuja Almeida⁷⁰ “é o nome do nosso comprovinciano a quem vamos descrever”. A educação, a ação profissional e a ascensão no meio militar do homenageado eram ressaltadas pelo periódico. Sua participação nas frentes de batalha da Guerra do Paraguai foi enfatizada, pois, nas mesmas, ele teria se “distinguido sempre pela coragem, denodo e sangue frio no meio dos combates”. Desse modo, a publicação concluía afirmando que “os atestados que temos à vista honram ao denodado e intrépido guerreiro”, o qual, “com tais dotes, deve esperar um futuro glorioso, experimentando já as bênçãos da pátria que o considera na linha de seus filhos prestimosos e beneméritos”.

⁷⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jun. 1868.



Em uma nova edição, *A Sentinela do Sul* dizia que daria naquele número “o retrato de mais um desses heróis rio-grandenses, que têm conquistado a admiração do próprio inimigo”, o qual “mais teme a cavalaria rio-grandense do que a própria metralha inimiga”. Tratava-se do “retrato do coronel Astrogildo Pereira da Costa”⁷¹, apontado como um “nome legendário, tipo de bravura e de arrojo”, com participações nos enfrentamentos bélicos envoltos nas questões platinas. Especificamente quanto ao teatro de guerra no Paraguai, a folha ressaltava que o personagem em pauta “cobriu-se de imarcescíveis glórias, talhando o seu nome nas tábuas da história”. O militar era enaltecido ainda como o “bravo entre os bravos”, cuja idade de sessenta anos não fizera “arrefecer o ardor desse sangue de valente, que lhe escalda as veias”. Também era considerado como o

⁷¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jun. 1868.

“guerreiro da casta antiga” de antepassados “que ilustraram as páginas da história rio-grandense”. Em tom exortativo, o periódico conclamava que “honra” deveria ser “feita ao veterano, que desde que ressoou o clarim da guerra, há sabido cumprir o seu dever, como muitos moços o não souberam”, de maneira que o jornal ilustrado, “publicando estas poucas linhas, só sente não possuir dados mais minuciosos, para apresentar aos seus leitores uma biografia extensa desse valente” o qual “tanto honra a sua província natal”.



Outro dos homenageados do semanário gaúcho foi o tenente Agostinho Ribeiro da Fontoura⁷², baiano de nascimento, mas que morara em Santa Catarina, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, ao longo de suas atuações como civil e militar. Após várias promoções no meio castrense, serviu na campanha do Paraguai, na qual, “em

⁷² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 21 jun. 1868.

virtude de seus relevantes serviços foi elogiado em ordem do dia” e condecorado. A folha continuou narrando a trajetória do personagem, em sua ascensão na carreira militar e em sua participação em várias frentes de combate no Paraguai, em meio das quais teria mostrado “que suas lições como soldado têm sido bem aproveitadas, não só pelo conceito que goza para com seus superiores”, como também “para com os seus companheiros de armas e subordinados, tanto que os seus companheiros dão-lhe o nome de – bravo”. De acordo com o semanário, o tenente Fontoura, além de “estimado por todos”, provaria “mais de uma vez que cumpre com os seus deveres como defensor da pátria”, encontrando-se “nele um caráter franco e laborioso, como bom amigo e bom soldado”.

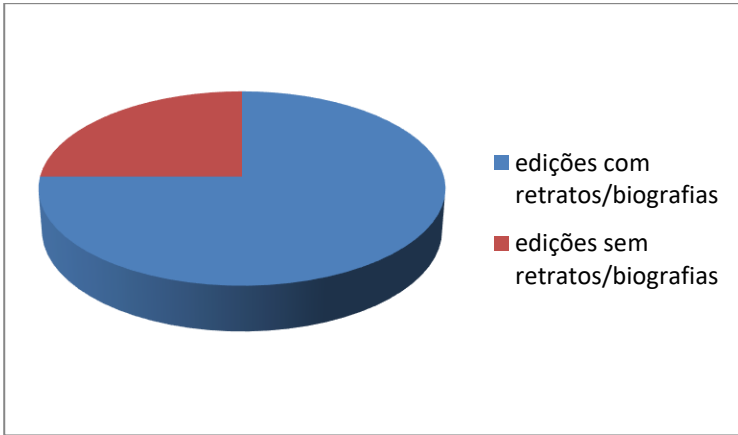


Na última edição disponível de *A Sentinela* aparecia o derradeiro retrato de um homenageado, correspondendo ao busto do coronel Caetano Gonçalves da Silva⁷³. O texto referente a tal preito, entretanto, não foi publicado, sendo anunciado, em outra sessão do periódico, que tratava das biografias publicadas pelo jornal, que, “no próximo número será publicada a do distinto coronel Caetano Gonçalves da Silva, cujo retrato a *Sentinela* publica hoje”. Na falta do exemplar seguinte, fica inviabilizada a verificação se a presença do conteúdo textual de natureza biográfica realmente se confirmou, versando sobre aquele militar que, filho do líder da Revolução Farroupilha, Bento Gonçalves da Silva, exerceu comando na Guerra do Paraguai.

A inclusão dessas matérias com retratos/biografias foram tão marcantes que estiveram presentes em praticamente todas as edições de *A Sentinela*, conforme o seguinte gráfico:

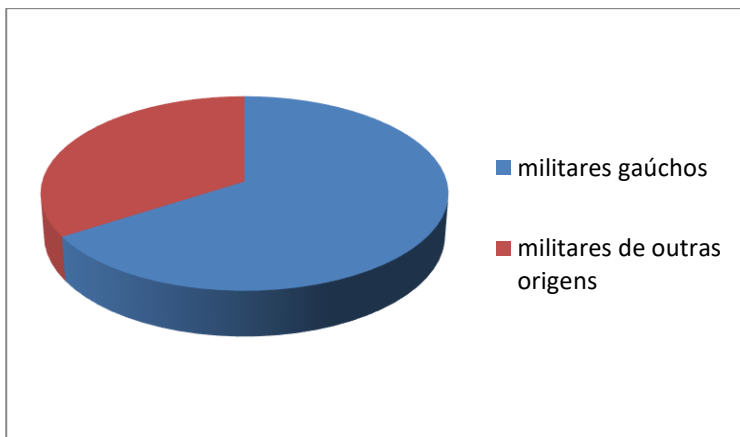
⁷³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 28 jun. 1868.

Número de edições de *A Sentinela do Sul* em que houve ocorrência de matérias envolvendo retratos/biografias (em %)



Dentre os militares destacados nas matérias envolvendo retratos/biografias nas páginas do *hebdomadário ilustrado porto-alegrense*, houve uma significativa preferência por indivíduos nascidos no Rio Grande do Sul, bem de acordo com a proposta da folha de defender os interesses sul-rio-grandenses, como demonstra o seguinte gráfico:

**Matérias trazendo retratos/biografias em *A Sentinela do Sul*
envolvendo militares gaúchos e de outras origens
(em %)**



Nesse quadro, *A Sentinela do Sul* deu ampla preferência a estampar retratos e publicar dados biográficos de militares do exército, da armada e da guarda nacional, mormente os gaúchos, havendo a grande preocupação em enaltecer o personagem com o registro de seus denominados feitos e da imagem normalmente de seu busto, de modo a buscar registrar na memória coletiva aquilo que considerava como exemplos de civismo e patriotismo, através da glorificação e heroização daquelas personalidades do meio castrense⁷⁴. O fio condutor era o nacionalismo, de

⁷⁴ ALVES, Francisco das Neves. Imprensa caricata rio-grandense-do-sul e Guerra do Paraguai: imagem, informação e conflito discursivo. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Imprensa, História, Literatura e Informação*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 253.

modo que *A Sentinela* se dispôs a participar da mobilização contra o inimigo externo, servindo suas representações textuais e iconográficas como uma estratégia base de legitimação buscada pelo Império, em sua empreitada pelas armas contra o governo paraguaio⁷⁵. Assim, o hebdomadário porto-alegrense, entre outras práticas editoriais, encomiou os militares, de maneira a não poupar esforços para também colocar-se, figurativamente, no *front*, enfrentando o adversário, através de palavras e desenhos, ao passo que os soldados, no Paraguai, o faziam por meio das armas.

⁷⁵ SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel: a charge como arma na Guerra contra o Paraguai*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009. p. 205.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

ISBN: 978-65-89557-45-6

